SABEDORIA E PENSAMENTO

COROA

Krishnamurti

O Despertar da Verdade

EDIOURO/614

SABEDORIA E PENSAMENTO SABEDORIA E PENSAMENTO

O Despertar da Verdade

Jiddu Krishnamurti, teósofo hindu, nasceu em Madras, Índia, em 1895 (ou 1897, segundo alguns historiadores). Foi educado na Inglaterra, onde suas idéias despertaram grande interesse. Em 1923, Annie Besant afirmou ser ele o Mestre do Mundo, organizando-se na Europa a Ordem da Estrela do Oriente, com sede em Ommen (Holanda) e seções nacionais, inclusive no Brasil (Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro).

Krishnamurti viveu todo o período de agitação do seu país, presenciando as lutas sangrentas que dividiram a Índia. Seu pensamento revolucionário logo se impôs, atraindo multidões para ouvir as suas conferências.

Krishnamurti combate todas as religiões, cultos e cerimônias, afirmando que não representam a total verdade, e que somente através do pensamento lógico o ser humano pode atingir um estágio elevado. Comprovando na prática as suas teorias, dissolveu em 1929 a Ordem da Estrela do Oriente, criada por seus seguidores e que pretendia apresentá-lo como o Mestre do Mundo.

Krishnamurti percorre o mundo, levando sabedoria e conhecimento, pronunciando as célebres conferências que o tornaram uma das maiores personalidades deste século.

Jiddu Krishnamurti

O DESPERTAR DA VERDADE

Tradução de:
Hugo Veloso

Desenhos de Myoung Youn Lee baseados em motivos de tapetes indianos.

EDITORA TECNOPRINT LTDA.

ÍNDICE

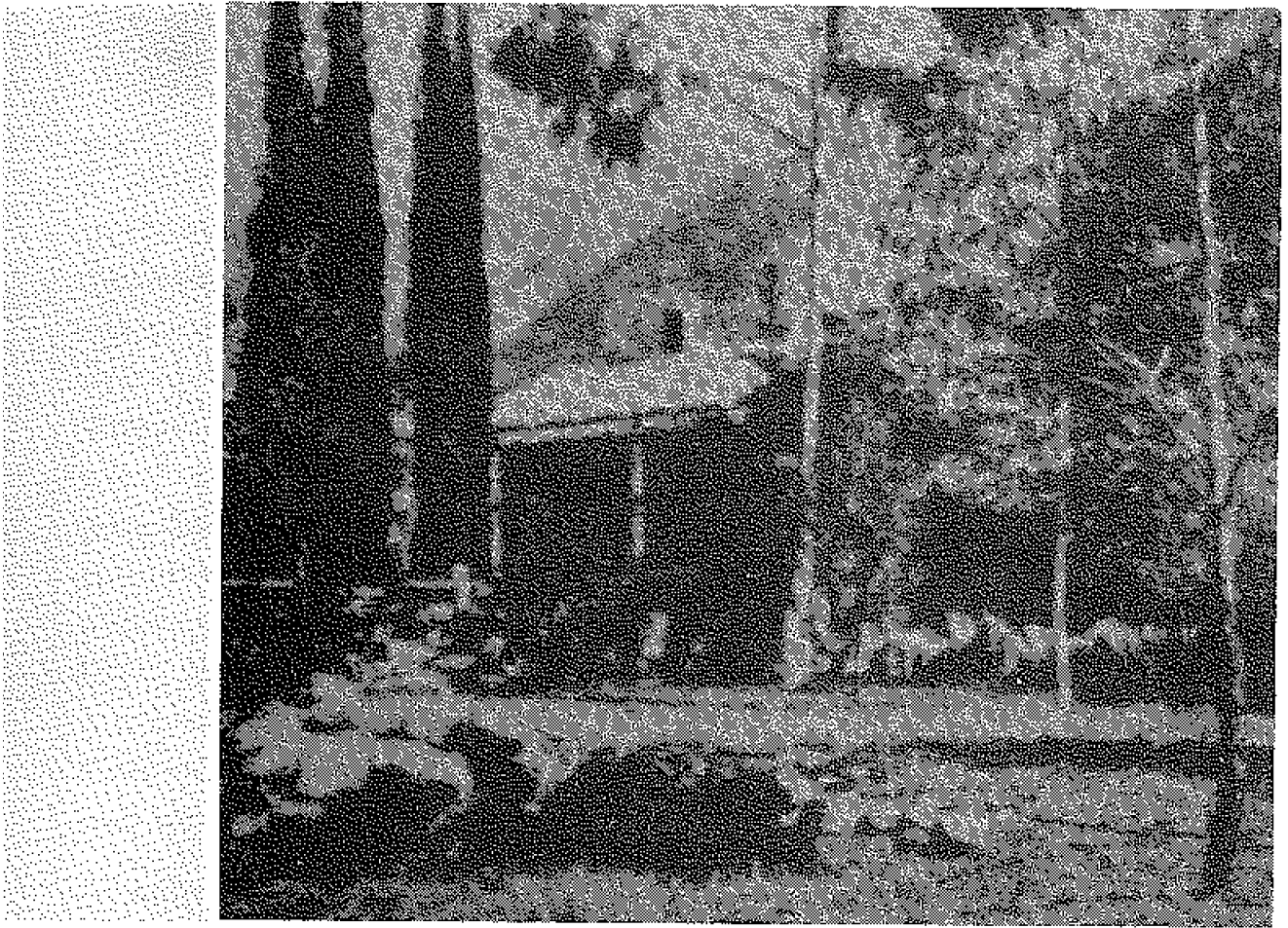
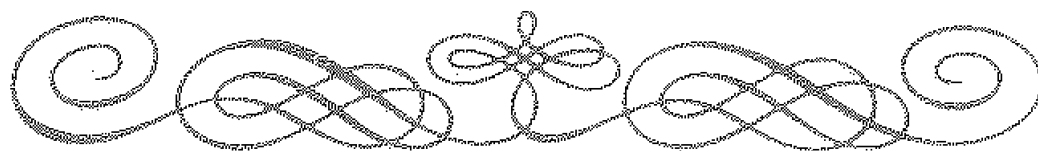
O Tempo Cronológico e o Tempo Psicológico 9

Ação de Massa e Ação Individual 37

O Conflito Gera Confusão no Mundo . 55

O Amor Abstrato 75

A Guerra Ideológica 103

Ary Vihara, Califórnia. Casa onde ficou Krishnamurti quando de sua passagem pelos Estados Unidos, em viagem de tratamento do seu irmão caçula Nitya, que sofria de tuberculose.

O Tempo Cronológico e o Tempo Psicológico

Parece-me que uma das questões mais importantes que devemos investigar e cuja significação devemos descobrir, é a questão do tempo. A vida da maioria de nós é algo inerte, como águas paradas; é monótona, sombria, feia, e insípida; e alguns de nós, percebendo esse fato, entregam-se inteiramente a atividades sociais, políticas e religiosas, pensando que com isso enriquecem a vida.

Mas tal ação, sem dúvida, não é enriquecimento, visto que nossas vidas continuam vazias; embora falemos de reforma política, nossas mentes e corações continuam embotados. Podemos andar muito ativos, socialmente, ou dedicar nossas vidas à religião; todavia, o significado da virtude continua a ser uma coisa de idéias, mera ideação. Por isso, não importa o que façamos, vemos que nossas vidas são monótonas, não têm muita significação; porque a mera ação, sem compreensão, não traz o enriquecimento ou a liberdade.

Assim, se me é permitido, desejo falar um pouco sobre o que é o tempo; porque creio que o enriquecimento, a beleza, e o significado daquilo que é atemporal, daquilo que é verdadeiro, só podem ser experimentados quando compreendermos, no seu todo, o processo do tempo. Afinal, todos nós estamos procurando, cada um a seu modo, um estado de felicidade, de enriquecimento.

Por certo, uma vida que tem significação, que contém as riquezas da verdadeira felicidade, não pertence ao

tempo. Como o amor, a vida é intemporal; e para compreender aquilo que é intemporal, não devemos procurar atingi-lo através do tempo, mas, ao contrário, compreender o tempo. Não devemos servir-nos do tempo como meio de atingir, de conhecer, de aprender o atemporal. Mas é isso, precisamente, o que estamos fazendo, na maior parte das nossas vidas: consumindo tempo, na tentativa de apreender o que é atemporal.

Importa, pois, que se compreenda o significado do tempo, porquanto julgo que é possível ficar-se livre do tempo. Muito importa compreender o tempo, como um todo e não parcialmente. É interessante observar que passamos as nossas vidas quase inteiramente no tempo — tempo, não no sentido da seqüência cronológica dos minutos, horas, dias e anos, mas no sentido de memória psicológica.

Vivemos do tempo, somos o resultado do tempo. Nossas mentes são o produto de muitos dias passados, e o presente é apenas a passagem do passado para o futuro. Nossas mentes, nossas atividades, nosso ser, estão fundados no tempo; sem o tempo não podemos pensar, porque o pensamento é resultado do tempo, o pensamento é produto de muitos dias passados, e não há pensamento sem memória.

A memória é tempo; porque há duas espécies de tempo: o tempo cronológico e o tempo psicológico. Há o tempo — o ontem marcado pelo relógio, e o ontem registrado pela memória. Não podeis rejeitar o tempo cronológico, porque isso seria absurdo — perderíeis o trem. Mas existirá de fato um tempo completamente separado do tempo cronológico?

Existe sem dúvida o tempo, o ontem; mas existe o tempo, tal como o concebe a mente? Isto é, existe o tempo, separadamente da mente? Não há dúvida de que o tempo, o tempo psicológico, é produto da mente. Sem a base do pensamento não tem existência o tempo — o tempo que é a memória, a lembrança de ontem em conjunção com hoje, formando o amanhã. Isto é, a memória da experiência de ontem, reagindo ao presente,

está criando o futuro — e isso é ainda processo de pensamento, um caminho percorrido pela mente.

Assim, o processo do pensamento produz a progressão psicológica no tempo; mas é real esse tempo, real como o tempo cronológico? E podemos servir-nos desse tempo, que é produto da mente, como meio de compreensão do eterno, do atemporal? Porque, como eu disse, a felicidade não vem de ontem, a felicidade não é produto do tempo, a felicidade está sempre no presente, é um estado atemporal.

Não sei se já notastes isso em algum momento de êxtase, de alegria criadora, quando desfila uma série de nuvens radiosas, cercadas de nuvens negras — nesse momento não há o tempo: só há o presente imediato. Mas a mente, de volta desse "experimentar, lembra-se dele e deseja continuá-lo, acumulando-se mais e mais, a si mesma, e criando assim o tempo.

O tempo é criado pelo "mais"; o tempo é aquisição, e o tempo é também desprendimento, que é ainda uma aquisição da mente. Por conseguinte, o mero disciplinar da mente, no tempo, o condicionar do pensamento dentro da estrutura do tempo, que é memória, não revela o que é atemporal.

Vemos, pois, que há o tempo cronológico e o tempo da mente, o tempo que é a própria mente, e estamos sempre confundindo os dois. Sem dúvida, confundimos o tempo cronológico com o tempo psicológico, com a psique de nosso ser; e com essa mentalidade cronológica queremos "vir a ser", queremos consumar as nossas realizações.

Assim, todo o processo de "vir a ser" é coisa do tempo; e cumpre-nos averiguar se existe deveras uma coisa como o "vir a ser", — vir a ser no sentido de encontrar a realidade, Deus, a felicidade. Podemos servir-nos do tempo como um meio de chegar ao atemporal? Isto é, por um meio errôneo pode-se alcançar o fim correto?

Naturalmente, o meio correto tem de ser empregado, para o fim correto, uma vez que fim e meio são uma só coisa.

Quando queremos achar o atemporal por meio do "vir a ser", que implica disciplinamento, condicionamento, rejeição, aceitação, aquisição e negação — tudo isso dependente do tempo — estamos empregando o meio errôneo para o fim correto; por conseguinte, o meio de que nos servimos produzirá um fim errôneo.

Enquanto empregarmos o meio errôneo, que é o tempo, para achar o atemporal, não teremos o atemporal; porque o tempo não é o meio de se chegar ao atemporal. Por conseguinte, para acharmos o atemporal, para conhecermos o que é eterno, o tempo tem de cessar — o que significa que todo o processo do pensar tem de terminar — e se examinardes isso com muita atenção, ampla e inteligentemente, vereis que não é tão difícil como parece. Porque há instantes em que a mente está de todo tranqüila, não artificialmente, mas espontaneamente tranqüila.

Sem dúvida, há diferença entre uma mente que pusemos quieta e uma mente que *está* quieta. Mas esses momentos de tranqüilidade ficam como memórias, lembranças, e as lembranças se tornam o elemento temporal que impede o "re-experimentar" desses momentos.

Como já disse, para que o pensamento termine e o atemporal comece a existir, precisamos compreender a memória; porque sem memória não há o tempo. A memória é apenas experiência incompleta; porquanto, aquilo que experimentamos de maneira completa é sem reação, e nesse estado não existe memória.

No momento em que estais experimentando alguma coisa, não há memória, não há experimentador separado da coisa experimentada, não há observador nem coisa observada; há, somente, um estado de experimentar, em que o tempo não existe. O tempo só se apresenta depois de a experiência se ter tornado memória; e a maioria de vós estais vivendo da lembrança, da experiência de ontem — vossa própria experiência ou a de vosso *guru*, etc. etc.

Por conseguinte, se compreendermos esse

funcionamento psicológico da memória, que resulta da ação cronológica, não confundiremos as duas espécies de tempo. Precisamos encarar todo o problema do tempo sem apreensão e sem nenhum desejo de subsistir; porque a maioria de nós deseja continuar e é essa continuidade que deve terminar. Continuidade é, meramente, tempo, e a continuidade não pode levar ao atemporal.

Compreender o tempo é compreender a memória, e compreender a memória é ficarmos cônscios de nossas relações com todas as coisas — com a natureza, as pessoas, a propriedade e as idéias. As relações revelam o processo da memória, e a compreensão desse processo é autoconhecimento. Sem compreendermos o processo do "eu", em qualquer nível que esteja situado esse "eu", não podemos estar livres da memória e, conseqüentemente, não há o atemporal.

● *Os sonhos têm significação? Se têm, como devemos interpretá-los?*

Que se entende por "sonho"? Quando dormimos, quando o corpo dorme, nossa mente está funcionando; e ao despertar, lembramo-nos de certas impressões, certos símbolos, expressões verbais ou quadros. É isso o que entendemos por "sonho", não é? — essas expressões de que nos recordamos ao despertar, esses símbolos, sugestões, alusões, apresentadas à mente consciente e relativas a coisas que não foram compreendidas completamente. Isto é, nas horas em que estamos despertos, a consciência, a mente está de todo ocupada em ganhar a vida, com as relações imediatas, com divertimentos, etc. A mente consciente, pois, leva uma vida muito superficial.

Mas nossa vida não é apenas a camada superficial, ela está em movimento, nos diferentes níveis, a todas as horas. Esses níveis diferentes estão constantemente se esforçando

Só quando uma pessoa está livre do exclusivismo há possibilidade de se ter sensibilidade, não apenas com relação à natureza, mas também com relação aos seres humanos e aos incessantes desafios da vida.

por transmitir o seu significado à nossa mente consciente; e quando a mente consciente está tranqüila, como acontece durante o sono, as sugestões e mensagens do oculto são transmitidas sob a forma de símbolos, e, ao despertarmos, esses símbolos persistem em nossa lembrança como sonhos.

E então, porque sonhais, procurais interpretar os vossos sonhos ou procurais um psicanalista, para vo-los interpretar. É isso o que de fato acontece. Pode ser que não procureis o intérprete, porque custa muito caro e além disso não vos dá esperança; mas não dispensais a interpretação, quereis que vossos sonhos sejam explicados; procurais a sua significação, tentais analisá-los; e nesse processo de interpretação, de análise, sempre há esperança, dúvida, incerteza.

Ora, há necessidade de sonharmos? Há sonhos muito superficiais. Se comeis demais à noite, naturalmente tendes sonhos violentos. Há sonhos que são o resultado do refreamento do apetite sexual e de outros apetites. Quando reprimidos, esses apetites se declaram enquanto dormis, e vos lembrais disso como sonho, quando desperto. Há muitas formas de sonhos, mas o ponto que desejo salientar é este: temos necessidade de sonhar?

Se é possível não sonhar, não há então nada que necessite ser interpretado. Dizem os psicólogos — não quero dizer que os li, mas conheço muitos deles — que é impossível não sonhar. Julgo que é possível não sonhar, e podeis experimentá-lo com vós mesmos, livrando-vos assim do temor da interpretação, com suas ansiedades e incertezas.

Como disse, sonhais porque a mente consciente não está côncia do que está realmente acontecendo a cada minuto, não está côncia de todas as sugestões, alusões, impressões e reações, que sobem constantemente à superfície. Mas, será possível ficar passivamente côncio, de modo que tudo seja logo percebido e compreendido? É possível, sim. É só quando há percebimento passivo de cada problema, que ele é resolvido imediatamente, em vez de ser

transferido para o dia seguinte.

Ora, quando tendes um problema, e este causa muita preocupação, que acontece? Ides deitar-vos, dizendo: "Vou deixá-lo para amanhã." Na manhã seguinte, voltando ao problema, verificais que pode ser resolvido e ficais livre dele. O que de fato sucede é que a mente consciente, depois de muito procurar e atormentar-se, se torna quieta; e, então, a mente inconsciente, que continua a ocupar-se com o problema, envia as suas sugestões, suas mensagens, e ao despertardes o problema está resolvido.

É possível, pois, atender a cada problema de maneira nova, e ficar-se livre dele. Só podeis atender a cada problema de maneira nova, pronta, rápida, quando não condenais nem justificais, porque só assim pode o problema confiar todo o seu significado; e é possível viver-se tão desperto, tão passivamente vigilante, que cada problema revele o seu inteiro significado logo ao surgir. Podeis tirar a prova disso por vós mesmos, não precisais aceitar a palavra de outrem a esse respeito.

Mas a mente consciente deve estar desperta, vigilante, na sua totalidade, de modo que nenhuma parte dela esteja inerte e precise ser estimulada por meio de sonhos, por meio de símbolos. Só quando a mente consciente está vigilante, não apenas numa camada ou nível, mas na sua totalidade, é possível não sonhar.

Os sonhos são também "autoprojeções", a interpretação, por meio de símbolos, de diferentes experiências. Também as conversas que temos, em sonhos, com outras pessoas são evidentemente "autoprojeções" — o que não significa que seja impossível o pensamento encontrar-se com o pensamento, um pensamento identificado encontrar-se com outro pensamento identificado.

Este tópico é vasto demais, e não pode ser esgotado completamente agora; mas pode-se ver que, enquanto lidarmos com problemas de maneira parcial e não total, enquanto houver reação condicionada ao desafio, há de

haver essas sugestões, essas alusões, procedentes daquela parte da mente que está desperta, seja na forma de sonhos, seja na forma de choques violentos. Enquanto os problemas não forem compreendidos completamente, havereis de sonhar, e os vossos sonhos necessitarão interpretação.

As interpretações nunca são completas, porquanto elas resultam sempre do temor, da ansiedade, há nelas um elemento do desconhecido, e a mente consciente rejeita sempre aquilo que é desconhecido. Mas se, ao contrário, pudermos "experimentar" cada desafio completamente, cabalmente, não há então necessidade de sonhos nem de um intérprete para os sonhos.

● *Qual é o significado da relação correta com a natureza?*

Não sei se descobristes a vossa relação com a natureza. Não há relação correta, só há compreensão da relação. A relação correta supõe a mera aceitação de uma fórmula, exatamente como o pensamento correto.

Pensamento correto e pensar correto são duas coisas diferentes. Pensamento correto significa o mero ajustamento ao que é correto, respeitável, ao passo que o pensar correto é movimento, é produto da compreensão, e a compreensão se modifica, se transforma constantemente. Do mesmo modo, há diferença entre a relação correta com a natureza, e a compreensão de nossa relação com ela.

Qual a relação que tendes com a natureza — com os rios as árvores, as aves alígeras, os peixes na água, os minerais no seio da terra, as cataratas e as águas pouco profundas? Qual a relação que tendes com essas coisas? A maioria das pessoas não tem consciência dessa relação. Nunca olhamos para uma árvore, e se o fazemos é com o propósito de nos utilizarmos dela: sentar-nos à sua sombra, ou cortá-la para fazer tábuas.

Em outras palavras, olhamos as árvores com propósitos utilitários; nunca vemos uma

árvore, sem "projetarmos" a nós mesmos, para tirarmos proveito dela. Pela mesma maneira tratamos a terra e os seus produtos. Não há amor à terra, só há exploração da terra. Se realmente amássemos a terra, haveria maior moderação no uso que fazemos das coisas da terra. Isto é, se compreendêssemos as nossas relações com a terra, seríamos muito cuidadosos na utilização das coisas da terra.

A compreensão das nossas relações com a natureza é tão difícil como a compreensão das nossas relações com nossos vizinhos, nossas esposas, nossos filhos. Mas não temos aplicado nosso pensamento a isso, nunca nos sentamos para contemplar as estrelas, o luar, ou as árvores. Estamos ocupados demais com as nossas atividades sociais ou políticas. Essas atividades, obviamente, são fugas de nós mesmos; e prestar culto à natureza é também uma fuga de nós mesmos.

Estamos sempre fazendo uso da natureza, quer como meio de fuga, quer para fins utilitários — nunca paramos um pouco, para amar a terra e as coisas da terra. Nunca nos deleitamos, contemplando os campos exuberantes, embora nos utilizemos deles para alimentar-nos e vestir-nos. Não gostamos de trabalhar a terra com nossas próprias mãos, achamos humilhante trabalhar com as mãos.

Dá-se uma coisa extraordinária, quando lavramos a terra com nossas próprias mãos. Mas esse trabalho é feito pelas castas inferiores; nós, os das classes superiores, somos muito importantes, ao que parece, para fazer uso de nossas próprias mãos! Perdemos, assim, a nossa ligação com a natureza.

Se chegássemos a compreender essa relação, seu verdadeiro significado, não dividiríamos a propriedade em "vossa" e "minha"; embora qualquer de nós possuísse um pedacinho de terra e nele edificasse a sua casa, ela não seria nem "minha" nem "vossa", no sentido exclusivo — seria mais um meio de nos abrigarmos.

Porque não amamos a terra e as coisas da terra, mas apenas as utilizamos, somos insensíveis à beleza de uma catarata,

perdemos o contato da vida; nunca estivemos sentados, recostados num tronco de árvore; e visto que não amamos a natureza, não sabemos amar os seres humanos e os animais.

Saí à rua, para ver como são tratados os animais, vede os bois, com suas caudas completamente deformadas. Meneais a cabeça, dizendo "muito triste!" Perdemos o sentido da ternura, aquela sensibilidade, aquela reação às coisas da beleza; e é só na renovação dessa sensibilidade, que podemos ter a compreensão do que é a verdadeira relação.

Essa sensibilidade não se manifesta com o mero pendurar de alguns quadros na parede, com o pintar uma árvore ou prender algumas flores no cabelo; a sensibilidade só vem quando pomos de parte esse ponto de vista utilitário. Não quero dizer que não possais utilizar-vos da terra, mas deveis utilizá-la como deve ser utilizada. A terra existe para ser amada, para ser cuidada com desvelo, e não para ser dividida como "vossa" e "minha".

É insensato plantar uma árvore num *compound* ([1]) e chamá-la "minha". Só quando uma pessoa está livre do exclusivismo há possibilidade de se ter sensibilidade, não apenas com relação à natureza, mas também com relação aos seres humanos e aos incessantes desafios da vida.

● *Quando falamos sobre o modo de ganhar a vida decentemente, e dizemos que as profissões de militar, de advogado, de funcionário do governo não são meios de vida corretos, não estamos advogando* o sanyasismo, *a deserção da sociedade, e não equivale isso a fugir dos conflitos sociais e dar ajuda à injustiça e à exploração que existem em torno de nós?*

Para transformar qualquer coisa, compreender qualquer coisa, precisais primeiro compreender o que *é;* só então há possibilidade de renovação, regeneração, transformação.

([1]) Terreno cercado, contendo várias casas de residência, em geral habitadas por estrangeiros residentes na Índia.

Transformar, simplesmente, o que *é*, sem compreendê-lo, é perda de tempo, retrocesso. Toda reforma sem compreensão é retrocesso, porque não olhamos de frente o que *é*; mas se começarmos a compreender exatamente o que *é*, saberemos, então, como agir.

Não podeis agir, sem antes observar, investigar, e compreender o que *é*. Devemos examinar a sociedade, tal como ela *é*, com todas as suas deficiências e fraquezas; e para examiná-la precisamos ver a nossa conexão, a nossa relação com ela, diretamente, e não através de uma suposta explicação intelectual ou teórica.

Ora, nas condições em que a sociedade existe no presente, não há possibilidade de escolha entre o meio de vida correto e o meio de vida incorreto. Pegamos o primeiro emprego que podemos, se temos a boa sorte de achar um. Portanto, para o homem que precisa com urgência de um emprego, não há problema. Aceita qualquer emprego, porque precisa comer.

Mas, para aqueles de vós que não sofrem igual premência, deveria existir este problema: qual o meio de vida correto numa sociedade que está baseada na aquisição e nas diferenças de classes, no nacionalismo, na ganância, na violência, etc? Em vista dessas coisas, pode haver um meio de vida correto? Não pode, evidentemente. E há, por certo, profissões injustas, tais como as profissões de militar, advogado, policial, funcionário do governo.

Um exército existe, não para a paz, mas para a guerra. É função do exército criar a guerra, é função do general planejar a guerra. Se o não fizer, será expulso, não é verdade? — vós vos livrareis dele. A função de um estado-maior é planejar e preparar as guerras futuras, e um estado-maior que não faz planos para as guerras futuras é, evidentemente, ineficiente. O exército, pois, não constitui uma profissão a favor da paz, e, por conseguinte, não é um meio de vida correto.

Conheço tão bem como vós tudo o que se implica nessa questão. Existirão exércitos enquanto existirem governos

soberanos, com seu nacionalismo e suas fronteiras; e uma vez que apoiais os governos soberanos, tendes também de apoiar o nacionalismo e a guerra. Por conseguinte, enquanto fordes nacionalista, não tendes a possibilidade de escolher um meio de vida correto.

Identicamente, a profissão de policial. A função da polícia é proteger e manter as coisas como estão. Torna-se também um instrumento de investigação, de perquirição, de inquisição, não só nas maõs dos governos totalitários, mas de qualquer governo. A função da polícia é a de espionar, esquadrinhar a vida privada das pessoas.

Quanto mais revolucionária uma pessoa é, exterior ou interiormente, tanto mais perigosa ela é para o governo. Por essa razão os governos, sobretudo os governos totalitários, tratam de liquidar aqueles que estão fomentando uma revolução, interior ou exteriormente. Por conseqüência, a profissão de policial não constitui um meio de vida correto.

Identicamente, o advogado. Ele prospera com os litígios: é essencial, para que ganhe a vida, que vós e eu briguemos e disputemos. A advocacia, portanto, não é um meio de vida correto. Só pode haver meios de vida corretos, quando não aceiteis o atual estado de coisas; e no momento em que o não aceitardes, não aceitareis a advocacia como profissão.

De modo idêntico, não podeis esperar encontrar um meio de vida correto nas grandes empresas organizadas pelos homens de negócios, que estão amontoando riquezas, nem na rotina burocrática, com seus funcionários e sua morosidade oficial. Os governos só têm interesse em manter as coisas como estão, e se vos tornais um engenheiro do governo, estais, direta ou indiretamente, contribuindo para a guerra.

Assim, enquanto aceitardes a sociedade tal como está constituída, qualquer profissão, seja o exército, a polícia, a advocacia, o governo, não é, evidentemente, um meio de vida correto. Percebendo isso, que deve fazer um homem sincero? Deve fugir e enterrar-se em alguma aldeia? Mas lá

também ele tem de viver de alguma maneira. Pode mendigar, mas o próprio alimento que lhe for dado provém indiretamente do advogado, do policial, do militar, do governo.

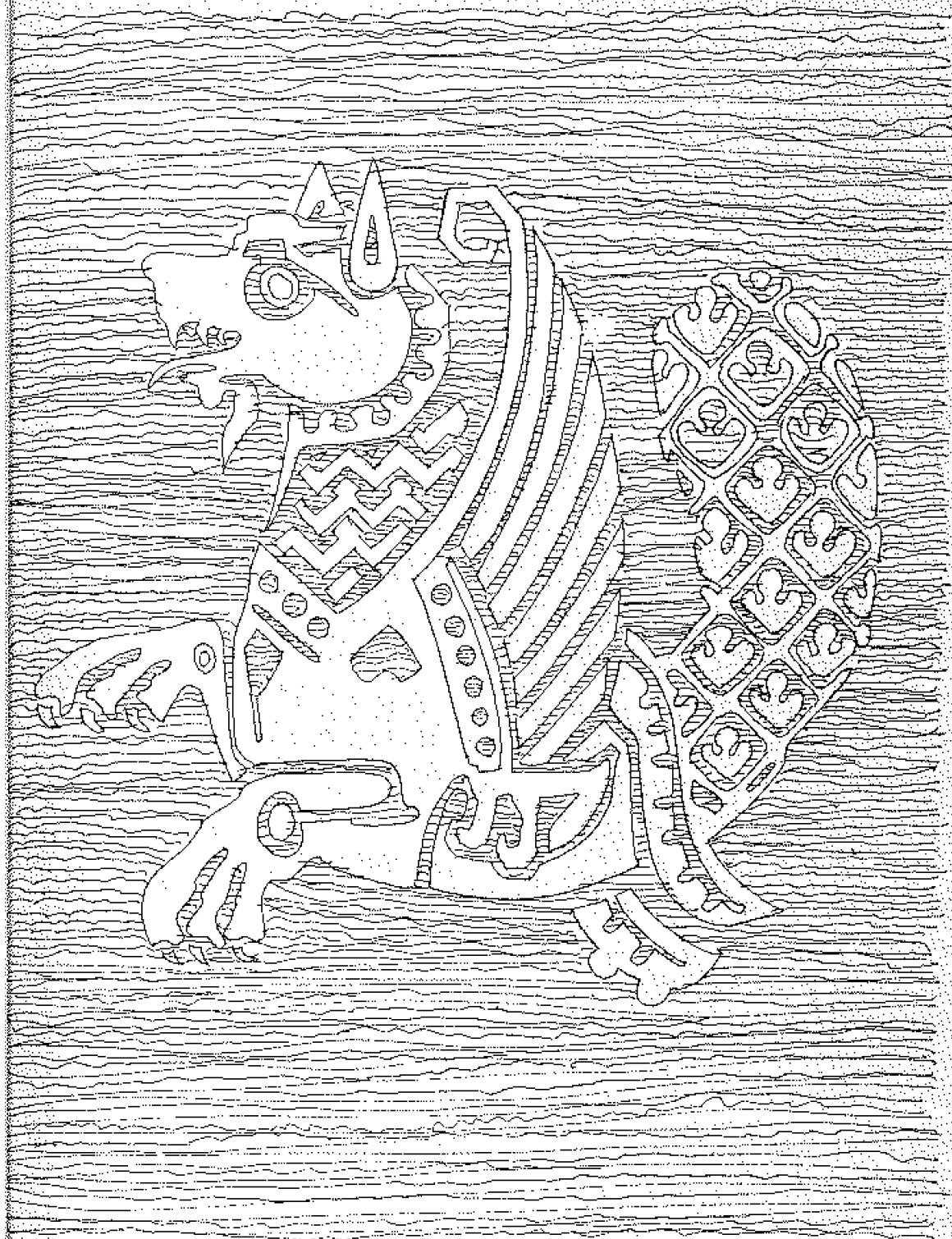
E no isolamento ele não pode viver, é impossível; viver no isolamento é mentir, tanto psicológica como fisiologicamente. Que deve então fazer a pessoa? Tudo o que ela pode fazer, se for realmente sincera, se tem inteligência do processo, no seu todo, é rejeitar o atual estado de coisas e dar à sociedade tudo o que for capaz de dar. Isto é, aceitar alimento, roupa e morada, da sociedade, e dar à sociedade alguma coisa em troca.

Enquanto fizerdes uso do exército, da polícia, da advocacia, do governo, como meio de subsistência, continuareis a manter as coisas como estão, a sustentar a dissensão, a perquirição e a guerra. Mas, se rejeitais as coisas da sociedade, e aceitais apenas as coisas essenciais, deveis dar alguma coisa em troca. É mais importante averiguar o que estais dando à sociedade do que perguntar qual é o meio de vida correto.

Pois bem, que estais dando à sociedade? Que é a sociedade? A sociedade são as relações com um ou com muitos, são vossas relações com outra pessoa. Que estais dando às outras pessoas? Estais dando alguma coisa, no verdadeiro sentido da palavra, ou apenas recebendo o pagamento de alguma coisa? Enquanto não descobrirdes o que estais dando, tudo quanto receberdes da sociedade há de ser, necessariamente, um meio de vida injusto.

Não estou dando uma resposta sutil, habilidosa; cabe-vos ponderar, investigar toda a questão das vossas relações com a sociedade. Podeis, da vossa parte, perguntar-me: "E *vós*, que estais dando à sociedade, para terdes roupa, morada e alimento?" — Estou dando à sociedade isso de que estou falando — que não é um serviço que qualquer tolo pode prestar. Estou dando à sociedade o que para mim é verdadeiro.

Podeis discordar e dizer: "Tolice, isso não é

A vida não tem respostas simples. O homem que procura uma resposta simples para a vida, possui uma mente estúpida, uma mente obtusa.

verdadeiro". Mas estou dando o que para mim é verdadeiro e tenho muito mais interesse nisso do que naquilo que a sociedade me dá. Quando não vos servis da sociedade ou do vosso vizinho como meio de auto-expansão, estais inteiramente satisfeito com as coisas que a sociedade vos dá para satisfação das vossas necessidades de alimento, roupa e morada. Por conseqüência, não sois ganancioso; e como não sois ganancioso, vossas relações com a sociedade são de todo diferentes.

No momento em que não vos servis da sociedade como um meio de auto-expansão, rejeitais as coisas da sociedade, e, conseqüentemente, dá-se uma revolução em vossas relações. Já não estais na dependência de outra pessoa para a satisfação de vossas necessidades psicológicas; e só então podeis ter um meio de vida justo.

Podeis dizer que esta resposta é muito complicada, mas não é. A vida não tem respostas simples. O homem que procura uma resposta simples para a vida, possui uma mente estúpida, uma mente obtusa. A vida não tem conclusão, a vida não tem padrão fixo, a vida é viver, alterar, modificar. Não há resposta positiva e definitiva para a vida, mas é-nos possível compreender todo o seu significado e valor.

Para compreender, precisamos primeiro reconhecer que estamos utilizando a vida como meio de auto-expansão, como meio de preenchimento próprio; e porque nos servimos da vida como um meio de preenchimento, criamos uma sociedade corrupta, a qual necessariamente começa a decompor-se no mesmo instante em que começa a existir. Uma sociedade organizada, pois, encerra em si, inerentemente, a semente da decomposição.

É muito importante que cada um de nós descubra qual é a sua relação com a sociedade, se ela está baseada na ganância — que significa auto-expansão, preenchimento do "eu", que supõe poder, posição, autoridade — ou se simplesmente aceitamos da sociedade as coisas essenciais,

tais como alimento, roupa e morada. Se vossa relação é de necessidade e não de ganância, encontrareis então o meio de vida correto, em qualquer lugar, mesmo numa sociedade corrupta.

Como a atual sociedade se está desintegrando rapidamente, precisamos descobrir; e aqueles cuja relação é só de necessidade criarão uma nova civilização, constituirão o núcleo de uma sociedade na qual as coisas necessárias à vida serão distribuídas eqüitativamente, e não utilizadas como meio de auto-expansão.

Enquanto a sociedade continuar a ser para nós um meio de auto-expansão, haverá ânsia de poder, e o poder cria uma sociedade de classes, divididas em "altas" e "baixas", ricos e pobres, o homem que tem e o homem que não tem, o letrado e o iletrado, todos em luta uns com os outros, luta baseada no desejo de aquisição e não na necessidade. É o desejo de aquisição que dá força, posição, prestígio, e enquanto ele existir, a vossa relação com a sociedade há de ser, necessariamente, um meio de vida injusto.

Podeis ter meios de vida justos quando dependeis da sociedade apenas para as vossas necessidades — e então as vossas relações com a sociedade são muito simples. A simplicidade não é o "mais", nem tampouco é vestir uma tanga e renunciar ao mundo. Limitar-se apenas a umas poucas coisas, não é simplicidade. A simplicidade da mente é essencial, e a simplicidade da mente não pode existir se a mente é utilizada com propósitos de auto-expansão, preenchimento, não importando se esse preenchimento provém da busca de Deus, do saber, do dinheiro, da propriedade ou da posição.

A mente que busca a Deus não é uma mente simples, porque o seu Deus é sua própria projeção. O homem simples é aquele que vê exatamente o que é e o compreende — nada mais pede. Tal mente está satisfeita, compreende o que *é* — o que não significa a aceitação da sociedade tal como está

constituída, com sua exploração, suas classes, guerras, etc. Mas a mente que vê e compreende o que é, e, por conseguinte, age, essa mente tem poucas necessidades, é muito simples, muito serena; e só quando está serena pode a mente receber o eterno.

● *Toda arte tem uma técnica própria, e é preciso esforço para dominar a técnica. Como se pode harmonizar a criação com a perfeição técnica?*

Não se pode harmonizar a criação com a perfeição técnica. Podeis tocar piano com perfeição, e não ser criador; podeis tocar piano brilhantemente, e não ser músico. Podeis saber manejar as cores, espalhar tintas na tela com muita habilidade, e não ser um pintor criador. Podeis, criar um rosto, uma imagem de pedra, e não ser um mestre criador. A criação vem em primeiro lugar, e não a técnica, e é por isso que somos desditosos toda a vida: temos técnica, sabemos edificar uma casa, construir uma ponte, montar um motor, educar os nossos filhos de acordo com um sistema.

Aprendemos todas essas técnicas, mas nossos corações e nossas mentes estão vazios. Somos máquinas de primeira ordem, sabemos operar maravilhosamente, mas não sabemos amar. Podeis ser um bom engenheiro, podeis ser pianista, podeis escrever num belo estilo, em inglês, ou em marathi, ou na língua que falais, mas a capacidade criadora não decorre da técnica.

Se tendes algo para dizer, vós criais o vosso próprio estilo; mas quando nada tendes para dizer, ainda que tenhais um belo estilo, o que escreveis não passa de rotina tradicional, uma repetição, com palavras novas, da mesma velharia. Se vos observardes a vós mesmo muito criticamente, vereis que a técnica não conduz à capacidade criadora; mas quando tendes a capacidade criadora, podeis ter técnica no espaço de uma semana. Para podermos expressar algo é necessário que *haja* algo para

expressar, precisamos ter uma canção no coração, para cantar.

Precisamos ter sensibilidade, para receber e expressar, mas a expressão é de muito pouca monta. Só é importante a expressão quando a quereis transmitir a outrem, mas é insignificante sua importância quando escrevemos para nosso próprio entretenimento.

Assim, tendo perdido a canção, saímos atrás do cantor. Aprendemos do cantor a técnica da canção, mas não temos a canção; e eu vos digo que a canção é essencial, que a alegria de cantar é essencial. Quando existe a alegria, a técnica pode ser formada do nada; inventareis vossa própria técnica, não precisareis estudar elocução ou estilo. Quando tendes, vedes, e o ver a beleza é uma arte. A expressão desse ver se torna bela, tecnicamente perfeita, quando tendes algo para dizer.

Ter uma canção no coração — esta é que é a coisa importante, e não a técnica, embora a técnica seja essencial. O que importa é ser criador. Esse é um problema deveras importante, porque vós não sois criadores; podeis procriar dezenas de filhos, mas isso é meramente acidental, não é ação criadora. Podeis ser capaz de escrever a respeito de homens de pensamento criador, mas isso não é ser criador. Podeis assistir a uma peça como expectadores, mas nunca sois atores.

Visto que se atribui importância cada vez maior ao mero aprendizado de uma técnica, cumpre-vos descobrir o que é ser criador. Como se pode ser criador? Criação não é imitação. A nossa vida, na sua totalidade, é imitativa, não apenas no nível verbal, mas também interior e psicologicamente; nada mais é que imitação, conformidade e disciplinamento.

Julgais que pode haver criação quando estais pensando em conformidade com um padrão, uma técnica? Só há criação quando estamos libertados da imitação, da disciplina, o que significa estar libertado da autoridade, não apenas da autoridade externa, mas também da autoridade interior da experiência, tornada memória.

Também não pode haver

criação se há temor; porque o temor produz a imitação, o temor cria a cópia, o temor engendra o desejo de estar em segurança, de estar certo, o qual, por sua vez, cria a autoridade; e não há criação enquanto a mente se move do conhecido para o conhecido.

Enquanto a mente está ocupada pela técnica, pelo saber, não pode haver criação. O saber é do passado, do conhecido; e enquanto a mente se move do conhecido para o conhecido não pode haver criação. Enquanto a mente se move através de uma série de modificações, não pode haver criação, porque a modificação é mera continuidade modificada. Só pode haver criação no findar, e não na continuidade.

A maioria de nós não deseja findar, todos queremos continuar, e nossa continuidade não passa de continuidade da memória. A memória pode ser colocada no nível do *Atman*, ou num nível inferior, mas é sempre memória. E enquanto todas essas coisas existirem, não haverá criação. Não é difícil ficar livre dessas coisas, mas isso requer atenção, observação, a intenção de compreender; então, garanto-vos, surgirá a criação.

Quando um homem deseja criar, deve perguntar a si mesmo e ver o que deseja criar: automóveis, máquinas de guerra, aparelhos de uso doméstico? O mero ocupar-se com coisas distrai a mente e prejudica a generosidade, a reação instintiva à beleza. É isso o que estamos fazendo, a maioria de nós, com as nossas mentes.

Enquanto a mente está ativa, formulando, fabricando, inventando, criticando, não pode haver criação; e eu vos asseguro que a criação vem silenciosamente, com extraordinária rapidez, sem compulsão, ao compreenderdes a verdade de que a mente precisa estar vazia, para que se realize a criação. Ao perceberdes a verdade disso, então, instantaneamente, há criação.

Não tendes de pintar um quadro, não precisais sentar-vos numa cátedra, não precisais inventar novos teoremas matemáticos; porque a criação não requer,

necessariamente, a expressão. A própria expressão a destrói. Isso não significa que a não devais expressar; mas se a expressão se torna mais importante do que a criação, então a criação se retira. Para vós, a expressão é da maior importância: pintar um quadro e assinar o nome ao pé do mesmo! Depois, quereis ver os que o apreciam, quem o irá adquirir, quantos críticos escreveram a respeito e o que dizem; e quando alcançais a celebridade, pensais ter alcançado algo muito importante! Isso não é criação, e, sim, degeneração, desintegração.

A criação só se realiza quando a mente, com seus motivos e sua corrupção, deixa de funcionar; e fazer a mente terminar não é tarefa difícil, nem é, tampouco, a última tarefa que deveis empreender. Pelo contrário, é a tarefa imediata. Nossas vidas estão no presente, com suas próprias misérias, sua confusão, suas aflições e lutas, a crescerem extraordinariamente. Assim, a única coisa necessária é que a mente, que é pensamento, cesse de funcionar; e então, asseguro-vos, conhecereis a criação.

Só a criação quando a mente, compreendendo sua própria insuficiência, sua própria pobreza, sua própria solidão, finda. Estando cônscia de si mesma, ela põe fim a si própria; então, aquilo que é criador, aquilo que é imensurável, aparece, sutil e velozmente. Para pôr fim ao processo do pensamento, precisamos estar passivamente cônscios de nossa própria insuficiência, nossa própria pobreza, nosso próprio vazio, sem lutar contra ele; só então surge aquela coisa que não é produto da mente; e o que não é produto da mente é criação.

● *Ouvimos todos os dias que a causa fundamental de nossa tribulação e da fealdade de nossa vida é a ausência do amor. Como achar a pérola do amor verdadeiro?*

Para responder a esta pergunta de maneira completa, temos de pensar negativamente, porque o pensar negativo é a forma mais alta do pensar. O mero pensar

positivo significa ajustamento a um padrão, e portanto não é pensar — é adaptação a uma idéia, e toda idéia é apenas produto da mente e, por conseguinte, irreal.

Assim, para examinarmos este problema de maneira completa, integral, temos de aplicar-nos a ele negativamente — o que não significa negação da vida. Não salteis a conclusões, tende a bondade de acompanhar-me passo a passo. Se seguirdes esta "experiência", profundamente e não apenas verbalmente, então, no correr desta nossa investigação, descobrireis o que é o amor.

Vamos investigar o que é o amor. Simples conclusões não são amor; a palavra "amor" não é amor. Comecemos bem perto de nós para chegarmos muito longe. Ora, vós chamais amor, quando nas relações com vossa esposa existe a posse, o ciúme, o temor, recriminação constante, opressão e imposição. Pode chamar-se amor, isso?

Quando possuís uma pessoa, e criais, desse modo, uma sociedade que vos ajuda a possuí-la, chamais isso amor? Quando usais alguém para vossa conveniência sexual, ou em qualquer outro sentido, chamais isso amor? Isso, evidentemente, não é amor. Isto é, quando existe ciúme não existe amor, onde existe posse não existe o amor. Podeis chamá-lo amor, mas não é amor. O amor, certamente, não admite discórdia ou ciúme. Quando possuís, há sempre temor; e ainda que o chameis amor, está isso muito longe do amor.

Sois casados e tendes filhos, tendes esposas ou maridos, que possuís, de quem vos utilizais, de quem tendes medo ou ciúme. Ficai bem cônscios disso, e vede se é amor. Vedes por acaso um mendigo na rua, dais-lhe uma moeda e expressais uma palavra de comiseração. Isso é amor? Comiseração é amor? Que significa isso? Pelo fato de dar uma moeda ao mendigo, de manifestardes comiseração pelo seu estado, resolvestes o problema? Não estou dizendo que não devais ser compassivos — nós estamos investigando a questão do amor.

É amor dar uma moeda a um mendigo? Tendes algo para

dar, e quando o dais, isso é amor? Isto é, quando estais cônscios da ação de dar, isso é amor? É bem evidente que quando dais conscíamente, vós é que sois importante, e não o mendigo. Assim, quando dais e manifestais comiseração, sois muito importante, não é verdade? Por que é que tendes algo para dar? Vós dais uma moeda ao mendigo; o multimilionário também dá e tem sempre muita comiseração pela pobre humanidade. Qual a diferença entre vós e ele?

Tendes dez moedas e dais uma; ele tem moedas sem conta, e dá umas poucas mais. Seu dinheiro, ele o juntou com o adquirir, multiplicar, revolucionar, explorar. Quando ele o dá, chamais isso caridade, filantropia; dizeis "como é nobre!" Isso é nobre? Quando tendes, e dais um pouco, isso é amor? Por que é que vós tendes e outros não têm? Dizeis que é por culpa da sociedade. Mas quem criou a sociedade? Vós e eu. Por conseguinte, para atacar a sociedade, precisamos começar por nós mesmos.

Vossa comiseração, pois, não é amor. E é amor o perdão? Vamos examinar bem esta questão, para verdes. Espero que estejais "experimentando", ao mesmo tempo que vou falando, e não apenas escutando as minhas palavras. O perdão é amor? Que está implicado no perdão? Vós me insultais e eu fico ressentido e guardo isso na lembrança; depois, ou por motivo de força maior ou por arrependimento, eu digo "perdôo-vos". Primeiro guardo, e depois rejeito. Que significa isso? Sou eu ainda a figura central. Eu é que sou importante, sou eu que estou perdoando a alguém.

Por certo, enquanto houver a atitude de perdoar, sou eu que sou importante, e não o homem que, supostamente, me insultou. Assim, quando acumulo ressentimento e depois rejeito esse ressentimento — o que chamais perdoar — isso não é amor. Um homem que ama não guarda inimizade, sendo indiferente a todas essas coisas.

Assim, a comiseração, o perdão, o ciúme e o temor — nada disso é amor. São todos coisas da mente, não é verdade? Enquanto a mente é

o árbitro, não há amor; porque a mente só arbitra segundo o interesse de posse, e a sua arbitragem representa sempre o interesse de posse sob formas diversas. A mente só pode corromper o amor, não pode dar a beleza. Podeis escrever um poema a respeito do amor, mas isso não é amor.

A mente, pois, é o produto do tempo, e o tempo existe quando se nega o amor; o amor, por conseguinte, não pertence ao tempo. O amor não é moeda para se distribuir. Dar alguma coisa, dar satisfação, dar coragem para lutar — tudo isso pertence à esfera do tempo, que é coisa da mente.

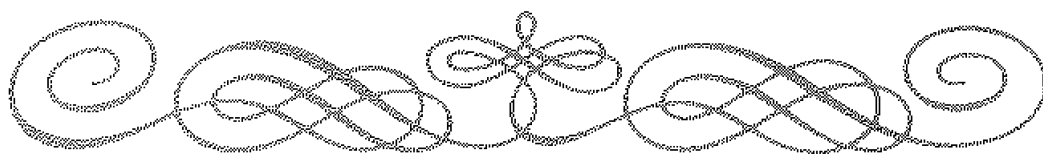
A mente, por conseguinte, destrói o amor. É porque nós, os ditos civilizados, cultivamos o intelecto, a expressão verbal, a técnica, que não existe o amor; e é porque existe esta confusão, que se multiplicam as nossas tribulações e os nossos infortúnios. É porque estamos procurando uma solução pela mente, que não encontramos solução para nenhum dos nossos problemas, que as guerras se sucedem umas às outras e temos catástrofes e mais catástrofes. A mente criou esses problemas e procuramos resolvê-los no seu nível especial, que é o nível da mente.

Portanto, é só quando a mente cessa que há o amor; e é só o amor que resolverá todos os nossos problemas, como o sol dissipa a escuridão. Não há relação alguma entre a mente e o amor. A mente é do tempo, o amor não é do tempo. Podeis pensar numa pessoa que amais, mas não podeis pensar no amor. O amor não pode ser pensado; embora possais identificar-vos com uma pessoa, com um país, uma igreja, no momento em que pensais no amor, o que pensais não é amor, é mero produto da mente.

O que é susceptível de pensar-se não é amor; e há vazio no coração, sempre que a mente está sumamente ativa. Estando ativa, a mente enche o coração com as coisas que produz; e com essas coisas da mente nós nos entretemos, criando problemas. Esse entreter-se com problemas é o que chamamos atividade, e as nossas soluções para os problemas são sempre da

mente. Podeis fazer o que quiserdes, construir igrejas, inventar novos partidos, seguir chefes novos, adotar lemas políticos, mas essas coisas nunca resolverão os nossos problemas.

Os problemas são produtos da mente, e para que a mente possa resolver o seu próprio problema, tem ela de cessar; porque só quando a mente cessa há amor. O amor não é susceptível de pensar-se, não pode ser cultivado, não pode ser praticado. A prática do amor, a prática da fraternidade, está sempre no terreno da mente, e por conseguinte não é amor. Quando tudo isso tiver cessado, virá então o amor, sabereis então o que é amar. O amor, então, não é quantitativo, mas qualitativo. Não dizeis "amo o mundo inteiro"; mas, quando souberdes amar a um, sabereis amar a todos. Porque não sabemos amar a um só, o nosso amor à humanidade é fictício. Quando amais, não há um só nem muitos: só há amor.

É só quando há amor que todos os nossos problemas podem ser resolvidos, e conheceremos, então, as suas bênçãos e a sua felicidade.

Ação de Massa e Ação Individual

Ação é relação, e não podemos viver ou existir sem ação. Parece que a ação produz constante atrito, constante desarmonia e ansiedade; e, desgraçadamente, vemos que toda ação organizada, no mundo, tem levado a uma série de desastres. No mundo que nos circunda, vemos confusão, sofrimento e desejos em conflito; e, percebendo claramente esse caos mundial, a maioria das pessoas sensatas e sinceras — não os que se fazem passar por tais, mas os que sentem um interesse real — compreenderão, naturalmente, a importância de se pensar a fundo no problema da ação.

Há ação de massa e ação individual, e a ação de massa se tornou uma abstração, uma fuga muito conveniente, para o indivíduo. Pensando que esse caos, esse sofrimento, essa calamidade que surge constantemente pode de alguma maneira ser transformada ou remediada pela ação em massa, torna-se o indivíduo irresponsável. A massa, sem dúvida, é uma entidade fictícia; a massa sois vós e eu. Só quando vós e eu não compreendemos as relações promovidas pela ação correta nos voltamos para a abstração que se chama "a massa" — e nos tornamos, assim, irresponsáveis em nossa ação.

Quando desejamos reformar a ação, apelamos ou para um guia, ou para a ação organizada, coletiva, o que, mais uma vez, é ação de massa. Quando recorremos a um chefe, para que nos oriente a

ação, escolhemos invariavelmente uma pessoa que pensamos nos ajudará a nos libertarmos de nossos problemas e sofrimentos.

Mas, visto que escolhemos um guia por causa de nossa confusão, esse guia também é confuso. Não escolhemos um guia diferente de nós mesmos; não podemos fazê-lo. Só podemos escolher um guia que, como nós, esteja confuso; por conseguinte, esses guias, esses chefes e "*gurus* espirituais", como costumamos chamá-los, nos levam sempre a mais confusão e mais sofrimento. Visto que nossa escolha é necessariamente um efeito da nossa própria confusão, quando escolhemos um guia, estamos seguindo a nossa própria e confusa autoprojeção. Em tais condições, a ação, ainda que produza um resultado imediato, conduz invariavelmente a novos desastres.

Vemos, pois, que a ação de massa, conquanto em certos casos possa ser proveitosa, conduz forçosamente ao desastre, à confusão, e à irresponsabilidade por parte do indivíduo; e a submissão a um guia aumenta, inevitavelmente, a confusão. E, contudo, precisamos viver. Viver é agir; ser é estar em relação. Não existe ação sem relação, e não podemos viver no isolamento. O isolamento não existe. A vida é agir e estar em relação.

Nessas condições, para compreendermos a ação que não cria maior sofrimento, maior confusão, temos de compreender a nós mesmos, com todas as nossas contradições, nossos elementos contrários, nossas múltiplas facetas, que estão em constante batalha umas com as outras. Enquanto não nos compreendermos a nós mesmos, a ação, inevitavelmente, conduzirá a mais conflito e mais sofrimentos.

Nosso problema, por conseguinte, é o de agir com compreensão; e essa compreensão só pode vir com o autoconhecimento. O mundo, afinal de contas, é a projeção de mim mesmo. O que eu sou o mundo é; o mundo não é diferente de mim, o mundo não está oposto a mim.

O mundo e eu não somos entidades separadas. A sociedade sou eu mesmo; não há dois processos diferentes. O mundo é a extensão de mim mesmo.

O indivíduo não está em oposição à massa, à sociedade, porque a sociedade é o indivíduo. A sociedade são as relações entre vós e eu e outro. Só há oposição entre o indivíduo e a sociedade, quando o indivíduo se torna irresponsável. Nosso problema é muito importante. Uma crise extraordinária se apresenta a cada país, cada pessoa, cada grupo. Que relação temos, vós e eu, com essa crise, e como devemos agir? Onde começar, a fim de operarmos uma transformação?

Como disse, se confiamos na massa, não encontraremos saída, porque a massa supõe um guia; a massa é sempre explorada pelo político, pelo sacerdote, e pelo especialista. E visto que vós e eu constituímos a massa, temos de assumir a responsabilidade de nossa própria ação, isto é, temos de compreender a nossa própria natureza, temos de compreender a nós mesmos; porque o compreender a si mesmo não significa retirar-se do mundo; porque o retirar-se implica isolamento, e não se pode viver no isolamento.

Por conseguinte, cumpre-nos compreender a ação nas relações, e essa compreensão depende do conhecimento de nossa natureza, cheia de conflitos e contradições. Julgo insensatez conceber um estado em que haja paz e no qual possamos depositar nossas esperanças. Só haverá paz e tranqüilidade, quando compreendermos a natureza de nós mesmos, e não pressupondo um estado que desconhecemos. Pode haver um estado de paz, mas de nada vale apenas especular a esse respeito.

Assim, para se agir corretamente, é necessário o pensar correto; para se pensar corretamente, necessita-se o autoconhecimento; e o autoconhecimento só pode nascer nas relações, e não no isolamento. O pensar correto só pode vir com a compreensão de nós mesmos, da qual resulta a ação correta.

A ação correta, portanto, é

aquela que resulta da compreensão de nós próprios; não de uma única parte de nós mesmos, mas de todo o conteúdo de nós mesmos, de nossas naturezas contraditórias, de tudo o que somos. Quando nos compreendemos a nós mesmos, há ação correta, e dessa ação vem a felicidade. Afinal de contas, o que todos desejamos é a felicidade; é ela que a maioria de nós está procurando, por várias maneiras, servindo-nos de várias vias de fuga: atividades sociais, atividades burocráticas, divertimentos, devoção e repetição de certas frases, sexo, etc. etc.

Reconhecemos, entretanto, que essas fugas não proporcionam felicidade permanente, trazendo apenas um alívio temporário. Fudamentalmente, nada existe, nelas, de verdadeiro, nenhum deleite duradouro; e eu creio que encontraremos esse deleite, esse êxtase, a alegria genuína da criação, no dia em que nos compreendermos a nós próprios. Essa compreensão de nós mesmos não é fácil, exige certa vigilância, certa lucidez. Essa vigilância, essa lucidez, só podem apresentar-se quando não condenamos, quando não justificamos; porque, no momento em que há condenação ou justificação, põe-se termo ao processo da compreensão.

Quando condenamos alguém, deixamos de compreender a pessoa; e quando nos identificamos com ela, também deixamos de compreendê-la. O mesmo acontece com relação a nós mesmos. O observardes, o estardes passivamente cônscios do que sois, é dificílimo; mas desse percebimento passivo vem uma compreensão, uma transformação do que *é*, e é só essa transformação que abre a porta da realidade.

Nosso problema, portanto, é a ação, a compreensão e a felicidade. Sem me conhecer a mim mesmo, não tenho base para o pensamento: só posso viver num estado de contradição, como de fato vive a maioria de nós. Para operar uma transformação no mundo, que é o mundo das minhas relações, tenho de começar em mim mesmo.

Podeis dizer: "O operar uma transformação no mundo, por

essa maneira, levará um tempo infinito." Se estamos procurando resultados imediatos, teremos naturalmente de pensar que levará muito tempo. Os políticos prometem resultados imediatos; creio, porém, que para o homem que busca a verdade não há resultado imediato. É a verdade que transforma, e não a ação imediata; só o descobrimento da verdade, por cada um de nós, fará nascer a felicidade e a paz do mundo.

Viver no mundo sem ser do mundo, — eis o nosso problema, e ese problema requer sincera aplicação; não podemos retrair-nos do mundo, não podemos renunciar a ele; temos de nos compreender a nós mesmos. A compreensão de si mesmo é o começo da sabedoria. Compreender-se a si mesmo é compreender o indivíduo, as suas relações com as coisas, pessoas e idéias. Enquanto não compreendermos o inteiro significado e importância de nossas relações com as coisas, as pessoas e as idéias, a ação, que é relação, inevitavelmente trará conflito e luta.

Assim, um homem que tem sincero empenho, deve começar consigo mesmo, deve estar passivamente cônscio de todos os seus pensamentos, sentimentos e ações. Isso também não depende do tempo. O autoconhecimento não tem fim. O autoconhecimento nasce a cada momento, havendo, por conseguinte, uma felicidade criadora em cada minuto.

Estamos todos nós muito interessados na ação correta, na paz e na felicidade, mas essas coisas só podem vir com a compreensão de nossas complexas naturezas. Essa compreensão não oferece grande dificuldade, mas requer um certo empenho, uma certa flexibilidade da mente.

Quando há um constante percebimento passivo de nosso falar, de nossos pensamentos e sentimentos, sem condenação ou justificação, esse mesmo percebimento traz a sua ação própria e, por conseguinte, a transformação que ele próprio produz, a qual não é resultado dos nossos esforços para nos transformarmos. Mas, para que essa verdade exista, torna-

se necessária uma qualidade de receptividade isenta de exigências de temor, de desejo; e isso só pode acontecer quando há percebimento passivo.

● *Qual o lugar da religião organizada na sociedade moderna?*

Averigüemos o que se entende por religião e o que se entende por sociedade moderna. Que entendemos por religião? Que significa religião, para vós? Significa, não é verdade? — um conjunto de crenças, ritos, dogmas, muitas superstições, *puja*, repetição de palavras, esperanças vagas e irrealizadas, frustradas, a leitura de certos livros, seguimento dos *gurus*, visitas ocasionais ao templo, etc. Tudo isso, sem dúvida, é religião para a maior parte do nosso povo.

Mas é isso religião? Religião é costume, hábito, tradição? Sem dúvida, a religião é algo que está muito acima de tudo isso, não é exato? A religião implica a busca da realidade, e nada tem que ver com a crença organizada, os templos, os dogmas, os ritos; e, no entanto, o nosso pensar, a estrutura mesma do nosso ser está toda entranhada de crenças, superstições, etc.

Por conseqüência, é bem evidente que o homem moderno não é religioso; a sua sociedade, por conseguinte, não é uma sociedade sã, bem equilibrada. Podemos seguir certas doutrinas, venerar certas imagens, ou criar uma nova religião do Estado; mas, evidentemente, nada disso é religião. Eu disse que religião é a busca da realidade; mas essa realidade é desconhecida, não é a realidade dos livros, não é a experiência alheia. Para acharmos essa realidade, descobri-la, chamá-la a nós, tem de cessar o conhecido.

Todas as tradições e crenças devem ser examinadas, e, depois de compreendido o seu significado, abandonadas. Para tal se conseguir, nenhum valor tem a repetição de ritos. Assim, evidentemente, o

homem que é religioso não pertence a religião alguma, a nenhuma organização; não é nem hinduísta, nem muçulmano, não pertence a classe alguma.

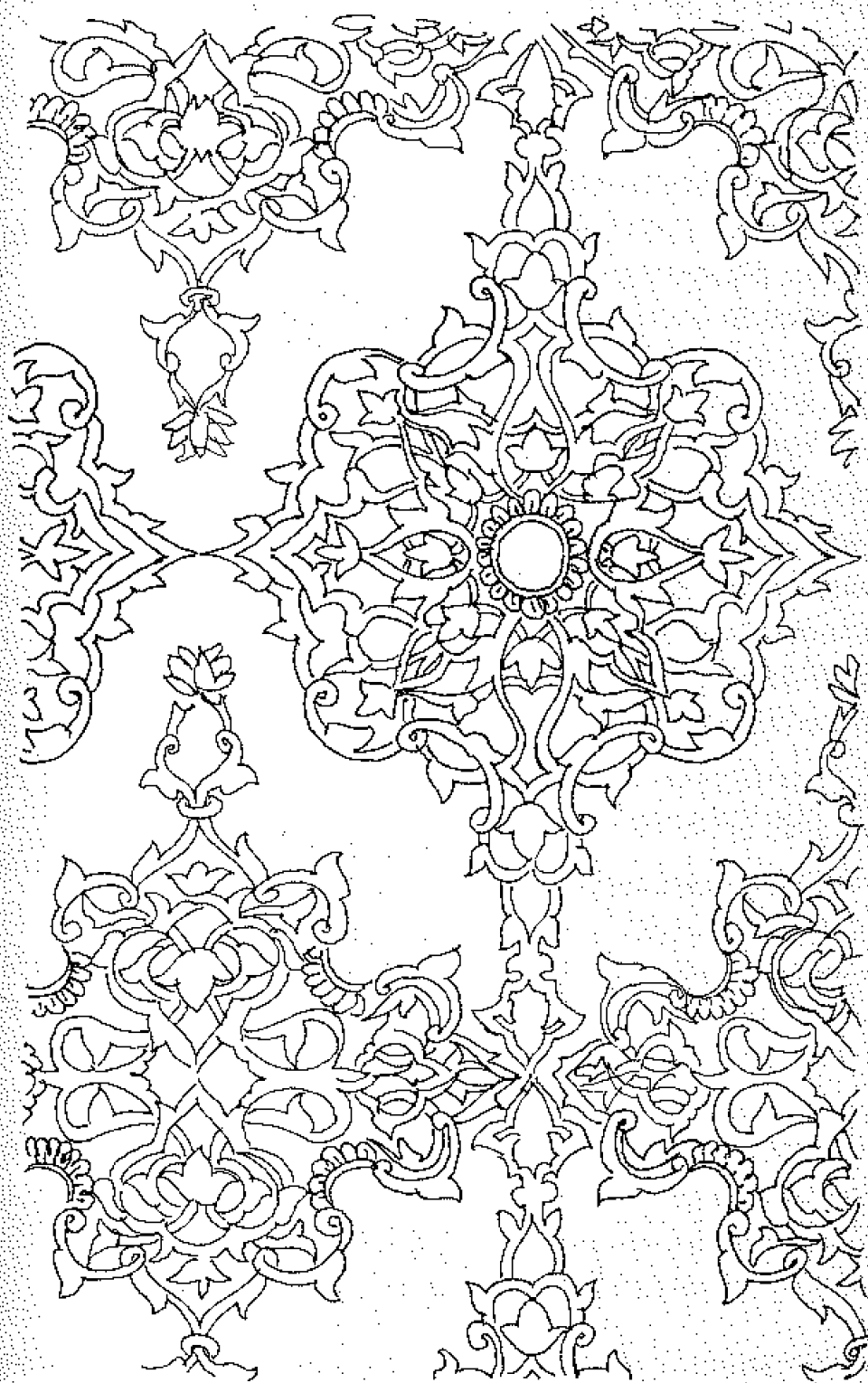
Agora, que é o mundo moderno? O mundo moderno é constituído de técnica e eficiência nas organizações de massas. Nota-se extraordinário progresso técnico e defeituosa distribuição das necessidades das massas; os meios de produção se acham nas mãos de uns poucos, há choques de nacionalidades, guerras constantes, provocadas, pelos governos soberanos, etc. Esse é o mundo moderno, não é verdade?

Temos progresso técnico, sem um progresso psicológico equivalente, e por esse motivo há um estado de desequilíbrio; tem-se realizado extraordinárias conquistas científicas, e no entanto continua a existir o sofrimento humano, continuam a existir corações vazios e mentes vazias. A maioria das técnicas que aprendemos se relacionam com a construção de aeroplanos, com os meios de nos matarmos uns aos outros, etc. Tal é o mundo moderno, que sois vós mesmo.

O mundo não é diferente de vós. Vosso mundo, que sois vós mesmo, é um mundo do intelecto cultivado e do coração vazio. Se perscrutardes a vós mesmos, vereis que sois um autêntico produto da moderna civilização. Aprendestes a pôr em prática algumas habilidades — habilidades técnicas, habilidades físicas — mas não sois entes humanos criadores. Gerais filhos, mas isso não é ser criador.

Para ter a capacidade de criar, necessita o indivíduo de uma extraordinária riqueza interior, e essa riqueza só poderá vir quando compreendermos a verdade, quando formos capazes de receber a verdade.

Assim, a religião organizada e o mundo moderno vão de mãos dadas — uma e outro cultivam o coração vazio, e esse é o aspecto desgraçado da nossa existência. Somos superficiais, mas intelectualmente brilhantes, capazes de grandes invenções, de produzir os mais destruidores meios de nos

A nossa vida, na sua totalidade, é imitativa, não apenas no nível verbal, mas também interior e psicologicamente; nada mais é que imitação, conformidade e disciplinamento.

liquidarmos mutuamente, e de criar desarmonia cada vez maior entre nós.

Mas não sabemos o que significa amar, não temos nenhuma canção em nossos corações. Tocamos gramofone, ouvimos o rádio; mas não cantamos porque nossos corações estão vazios. Criamos um mundo totalmente confuso, infeliz, e nossas relações são frágeis, superficiais. Sim, a religião organizada e o mundo moderno andam de maõs dadas, porque ambos conduzem à confusão; e essa confusão da religião organizada e do mundo moderno é produto de nós mesmos. É a expressão, a projeção de nós mesmos.

Não pode ocorrer nenhuma transformação no mundo exterior, se não houver uma transformação no íntimo de cada um de nós; a realização dessa transformação não constitui um problema cuja solução dependa dos especialistas, dos guias ou sacerdotes. É um problema que nos compete resolver, a cada um de nós. Se o transferimos a outrem, tornamo-nos irresponsáveis, — é por isso que estão vazios os nossos corações.

Um coração vazio, mais uma mente técnica, não faz um ente humano criador; e como perdemos aquele estado criador, produzimos um mundo extremamente desditoso, talado por guerras, dilacerado por distinções de classes e de raças. Cabe-nos, pois, a responsabilidade de operar uma transformação radical em nós mesmos.

● *Vivo em conflito e torturado pelo sofrimento. Há milhares de anos que nos dizem quais são as causas do sofrimento e a maneira de extingui-lo. E, todavia, achamo-nos na situação em que hoje estamos. É possível pôr termo a este sofrimento?*

Eu gostaria de saber quantos de nós temos consciência de estar sofrendo. Estais cônscios, não teoricamente, mas de fato, de que estais em conflito? Se estais, que fazeis? Procurais escapar, não é verdade? No momento em que

temos consciência do conflito e do sofrimento, procuramos esquecê-los, com ocupações intelectuais, com o trabalho, ou buscando divertimentos, prazeres. Procuramos sempre um meio de fugir ao sofrimento; e todos os meios de fuga, cultos ou incultos, são a mesma coisa, não é verdade?

Que entendemos por conflito? Em que momento tendes consciência de que estais em conflito? O conflito, sem duvida, surge quando há a consciência do "eu". Só há percebimento do conflito no momento em que o "eu", subitamente, se torna cônscio de si mesmo; quando não, levais uma vida monótona, superficial, estúpida, rotineira, não é verdade? Só tendes consciência de vós mesmo quando há conflito, e enquanto tudo corre suavemente, sem contradição, sem frustração, não há nenhuma consciência de vós mesmo, na ação.

Enquanto não sou contrariado, enquanto obtenho o que desejo, não estou em conflito; mas, no momento em que me vejo barrado, torno-me cônscio de mim mesmo e me sinto infeliz. Por outras palavras, o conflito surge só quando tenho o sentimento de "mim mesmo", frente a uma frustração, na ação. Nessas condições, que desejamos nós? Desejamos uma ação que constitua um preenchimento constante de nosso "eu", inteiramente livre de frustração; isto é, queremos viver sem encontrar obstáculos.

Por outras palavras, queremos ver realizados os nossos desejos; e se não são preenchidos esses desejos, há conflito, há contradição. Nosso problema, pois, é de como conseguir o autopreenchimento, sem esbarrarmos com obstáculos.

Desejo possuir alguma coisa — haveres, uma pessoa, um título, qualquer coisa, enfim — e se a obtenho e continuo a obter sempre o que desejo, sinto-me então feliz, não há contradição alguma. O que buscamos, pois, é o preenchimento do "eu", e enquanto conseguimos esse preenchimento não há conflito algum.

Pois bem, a questão é se existe deveras o preenchimento. Isto é, posso eu alcançar um objetivo, tornar-me alguma

coisa, realizar algo? E, nesse desejo, não há uma batalha constante? Isto é, enquanto tenho a ânsia de me tornar alguma coisa, de realizar algo, para me preencher, tem de haver frustração, tem de haver temor, tem de haver conflito; assim, existe, de fato, preenchimento?

Que é preenchimento? Preenchimento é expansão do "eu": é tornar-*me* mais amplo, maior, mais importante, tornar-*me* patrão, diretor, gerente de banco, etc. Pois bem, se penetrardes um pouco mais nesta questão, vereis que enquanto existir esta ação do "eu", isto é, enquanto houver consciência individual, na ação, tem de haver frustração e, logo, tem de haver sofrimento.

Nosso problema, pois, não é o de como dominar o sofrimento, de como afastar o conflito, mas, sim, o de compreender a natureza do "eu". Se apenas tentamos dominar o conflito, afastar o sofrimento, não compreendemos a natureza do criador do sofrimento. Enquanto o pensamento estiver todo interessado na sua própria melhoria, sua própria transformação, seu próprio progresso, tem de haver conflito e contradição. Voltamos, assim, ao fato evidente de que o conflito, o sofrimento, existirão enquanto eu não me compreender a mim mesmo. Compreender-se a si mesmo, por conseguinte, é mais importante do que saber a maneira de dominar o sofrimento e o conflito. Mas fugir ao sofrimento com a ajuda de ritos, de divertimentos, de crenças, ou de qualquer outra forma de distração, é distanciar o pensamento cada vez mais do interesse central, que é o compreender-se a si mesmo.

Para se compreender o sofrimento, têm de cessar todas as fugas, porque só então estamos aptos a olhar-nos de frente, na ação; compreendendo-vos a vós mesmos, na ação, que é relação, encontrareis uma maneira de libertar o pensamento, completamente, de todo conflito e de viver num estado de felicidade, de realidade.

● *Vivemos, mas não sabemos por que. Para muitos de nós, a vida não tem significação alguma. Qual é o significado e a finalidade do nosso viver?*

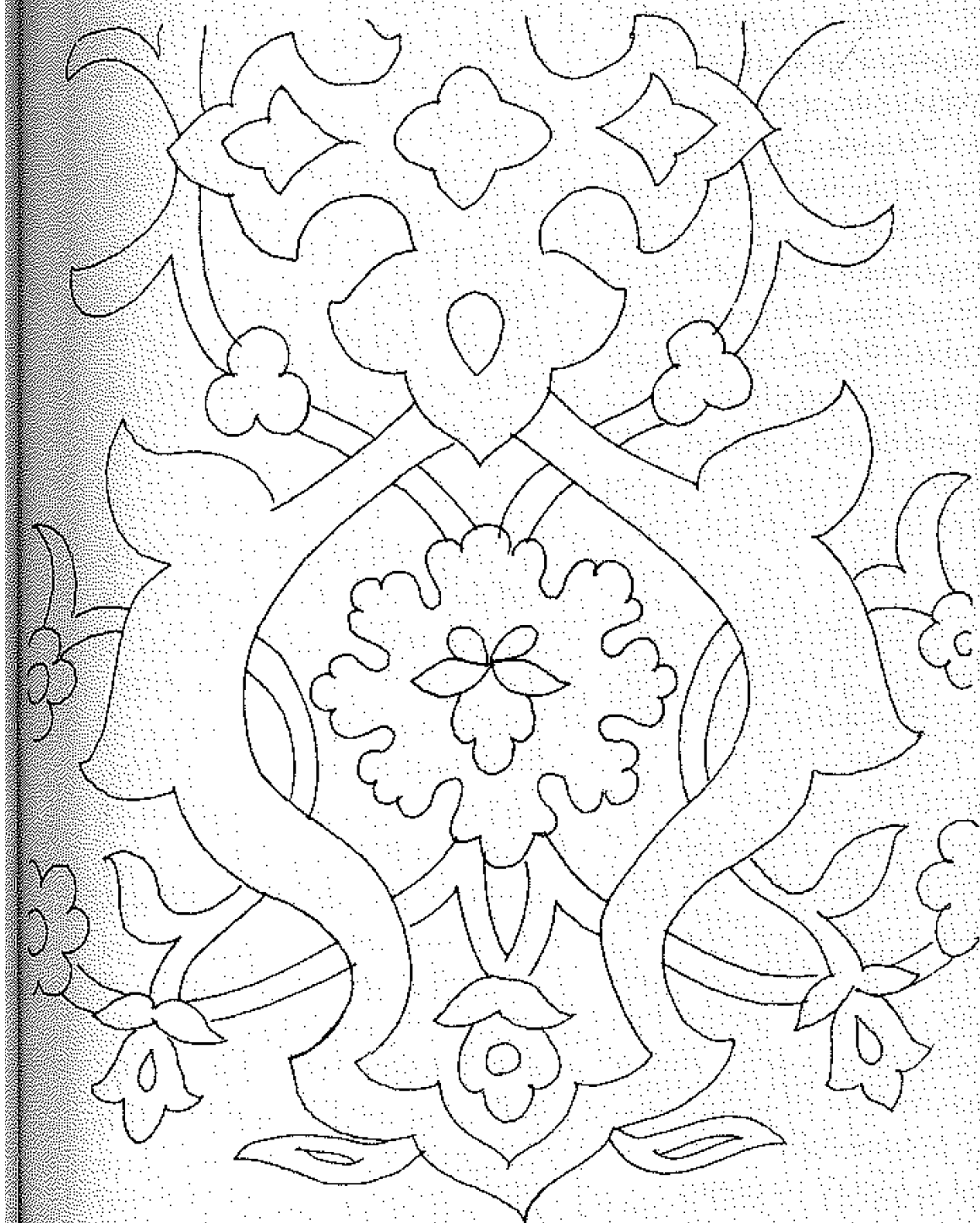
Que entendemos por "vida"? A vida tem algum significado, alguma finalidade? O viver não é, em si, a sua própria finalidade, a sua própria significação? Por que desejamos mais? Porque estamos tão insatisfeitos com a nossa vida, porque ela é tão vazia, tão frívola, tão monótona — fazer a mesma coisa sempre e sempre — desejamos algo mais, algo superior àquilo que costumamos fazer.

Visto que a nossa vida de cada dia é tão vazia e monótona, tão sem significação e tediosa, tão intoleravelmente estúpida, dizemos que a vida deve ter um significado mais completo. Positivamente, o homem que está vivendo com plenitude, um homem que vê as coisas como são, está satisfeito com o que tem, não está confuso; está lúcido e, por conseguinte, não pergunta qual é a finalidade da vida. Para ele, o próprio viver é o começo e o fim.

Nossa dificuldade, pois, é que, sendo nossa vida vazia como é, queremos encontrar uma finalidade para a vida, e lutamos por alcançá-la. Uma tal finalidade da vida não passa de mero produto intelectual, inteiramente irreal; quando a finalidade da vida é demandada por uma mente estúpida e embotada, essa finalidade há de ser também vazia. O nosso problema, por conseguinte, é o de como tornarmos rica a nossa vida, não de dinheiro, etc., mas interiormente rica, o que não constitui nenhum segredo de ocultismo.

Quando dizeis que a finalidade da vida é ser feliz, que a finalidade da vida é achar Deus, não há dúvida de que esse desejo de achar Deus representa uma fuga da vida, e o vosso Deus não passa de uma coisa conhecida. Só podeis encaminhar-vos para um objeto que já conheceis; e se construís uma escadaria para a coisa que chamais Deus, essa coisa, por certo, não é Deus.

A realidade só pode ser

A comiseração, o perdão, o ciúme e o temor — nada disso é amor. São todos coisas da mente. Enquanto a mente é o árbitro, não há amor.

compreendida no viver, e não no fugir. Quando buscais uma finalidade da vida, estais na verdade fugindo, e não compreendendo o que é a vida. A vida é relação, a vida é ação em relação; e quando não compreendo as relações, ou quando elas são confusas, procuro então um significado mais completo. Por que são tão vazias as nossas vidas? Por que somos tão solitários, tão frustrados? Porque nunca nos perscrutamos, para nos compreendermos a nós mesmos.

Nunca admitimos para nós mesmos que esta vida é tudo o que conhecemos e que ela deve, portanto, ser compreendida plena e completamente. Preferimos fugir de nós mesmos, e é por isso que procuramos uma finalidade da vida longe das relações. Mas, se começarmos a compreender a ação, que é a nossa relação com pessoas, com a propriedade, com crenças e idéias, veremos, então, que as relações trazem consigo a sua própria recompensa. Não há necessidade de procurar. É como se quiséssemos procurar o amor.

Pode-se encontrar o amor, procurando-o? O amor não pode ser cultivado. Só encontrareis o amor nas relações, e não fora das relações; e é porque não temos amor, que desejamos uma finalidade da vida. Quando existe o amor, que é a sua própria eternidade, não há então a busca de Deus, porque o amor é Deus.

É porque as nossas vidas estão cheias de noções técnicas e murmurações supersticiosas, que elas são tão vazias, que procuramos então uma finalidade fora de nós mesmos. Para acharmos a finalidade da vida temos de passar pela porta de nós mesmos; mas, consciente ou inconscientemente, evitamos as coisas como são em si, e por isso desejamos que Deus nos abra uma porta que está além. Esta pergunta sobre a finalidade da vida só pode ser feita por aquele que não ama, e o amor só pode ser encontrado na ação, que é relação.

● *A única coisa que dá entusiasmo pela vida é o desejo de realizar algo proveitoso. Esse é um passo falso? Se se nos tira esse incentivo para o trabalho, que resta?*

Por que precisamos de um incentivo para trabalhar, por que precisamos de um incentivo para qualquer coisa que seja? Que entendemos por "incentivo"? Desejamos uma recompensa para a nossa ação, não é verdade? Pode ser que não queiramos dinheiro, que não queiramos uma recompensa objetiva, mas, nesse caso, desejamos uma recompensa psicológica, um incentivo psicológico para o que fazemos. É por isso que procuramos um *guru*.

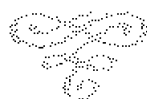
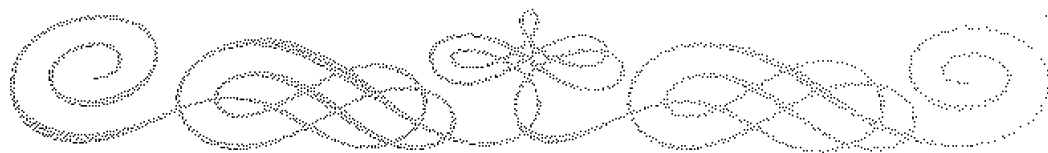
É o incentivo que nos faz agir, pois, do contrário, psicologicamente, não viveríamos. Isto é, psicologicamente, interiormente, queremos recompensas — recompensa para a nossa busca, recompensa para o nosso pensar, recompensa para o nosso sentir. Este é um fato, não é verdade? E qual é a recompensa que desejamos? Ela é, indubitavelmente, a satisfação. Enquanto pudermos encontrar satisfação psicológica, faremos alguma coisa. Assim, o que procuramos é a satisfação constante; e quando ela nos é negada, sentimo-nos frustrados.

Ora, existe satisfação, existe satisfação permanente? Ou só há satisfação temporária, que inevitavelmente produz conflito e sofrimento? Cabe-nos, pois, descobrir, por nós mesmos, se existe satisfação permanente. Pode ser que ponhamos de parte as satisfações obviamente temporárias, vendo que geram infortúnios, frustrações, ânsias, temor, etc.; mas pensamos poder achar uma satisfação duradoura, permanente, a que chamamos verdade, Deus, e desejamos trabalhar para alcançá-la; mas existe satisfação que seja permanente? Isto é, existe segurança psicológica permanente?

Inventastes a segurança psicológica permanente, representada por Deus, por um viver contínuo após a morte, etc. Mas existe tal

satisfação, tal segurança completa? Ou o fato é que a mente, não sabendo o que está no futuro — visto que o futuro é incerto — "projeta" sua própria criação, como uma certeza? Isto é, a mente se move do conhecido para o conhecido; não pode ela mover-se para o desconhecido, e por conseguinte deseja uma garantia sobre o conhecido que virá depois; e quando este conhecido é posto em dúvida, tornamo-nos ansiosos.

Assim, conquanto seja necessária a segurança física, não existe segurança psicológica permanente. E no momento em que tendes essa segurança, que é projetada por vós mesmos, vos tornais indolentes, satisfeitos e estacionários. Mas, quando não há segurança alguma, tendes então necessidade de uma mente que esteja vivendo momento por momento, vivendo, portanto, na incerteza; e a mente que é incerta, a mente que não sabe, que não busca a satisfação, essa mente é criadora.

Esse "estado de ser", de criação, surge só quando a mente está em completo silêncio, quando não está à procura de uma recompensa. Há então a paz permanente; e porque não sabemos como se chega a esse estado, buscamos a satisfação e a conservamos, e essa satisfação se torna o incentivo para a nossa ação. Mas a satisfação, por mais requintada, acarreta infinito temor, ânsia, dúvida, violência, e tudo o mais. Mas, se a mente se compreende a si mesma e descobre aquele estado em que há felicidade completa, há então criação; e essa criação é, ela própria, a finalidade total de toda a existência.

O Conflito Gera Confusão no Mundo

Parece-me importante compreender que o conflito, de qualquer espécie, não produz o pensar criador. Enquanto não compreendermos o conflito e a natureza do conflito, e não compreendermos aquilo com que entramos em conflito, o mero lutar com um problema, com uma determinada tradição ou ambiente, é de todo fútil. Assim como todas as guerras produzem deterioração e trazem inevitavelmente novas guerras, novos sofrimentos, assim também o lutar contra o conflito leva a uma confusão maior ainda.

Logo, o nosso conflito interior, projetado no exterior, gera confusão no mundo. Importa, pois, não é verdade? — que se compreenda o conflito, que se perceba que o conflito, de qualquer espécie, não produz o pensar criador, não produz entes humanos bem equilibrados. Entretanto, toda a nossa vida é consumida na luta, e pensamos que essa luta é uma parte necessária da existência. Há conflito dentro de nós e com o ambiente, entendido o ambiente como sendo a sociedade, e esta como sendo nossas relações com pessoas, coisas e idéias.

É considerada inevitável a luta, e pensamos que ela é essencial ao processo da existência. Ora, é exato isso? Existe alguma maneira de viver que exclua a luta, em que haja a possibilidade de compreensão, sem o habitual conflito? Não sei se já notastes uma coisa: quanto mais lutamos com um problema psicológico, tanto mais confusos, tanto mais

embaraçados ficamos; só depois de cessar a luta, de cessar todo o processo do pensamento, vem a compreensão. Temos, pois, de investigar se o conflito é essencial, e se o conflito é produtivo.

Pois bem; estamos falando acerca do conflito em nós mesmos e com o ambiente. O ambiente é o que somos, em nós mesmos. Vós e o ambiente não sois dois processos distintos; vós sois o ambiente, e o ambiente é o que sois — e isso é um fato óbvio. Nasceis no meio de um determinado grupo de indivíduos, na Índia, na América, na Rússia ou na Inglaterra, e esse mesmo ambiente, com suas influências de clima, tradição, seus costumes sociais e religiosos, vos cria — e *sois* esse ambiente.

Para se descobrir se existe algo mais do que o simples resultado do ambiente, tendes de estar livre do ambiente, livre do seu condicionamento. Isso é bem óbvio, não é verdade? Se vos examinardes atentamente a vós mesmos, vereis que, tendo nascido neste país, vós sois, climaticamente, socialmente, religiosa e economicamente, seu produto ou resultado. Isto é, estais condicionados, e para averiguardes se há algo mais, algo maior do que o mero resultado de uma condição, tendes de ficar livre dessa condição.

Se, estando condicionado, ficais apenas a indagar se existe algo mais, algo maior do que o mero produto do ambiente, isso não tem valor. É bem evidente que precisamos ficar livres da condição, do ambiente, porque só então é-nos possível averiguar se existe algo mais. Afirmar que existe ou que não existe algo mais é sem dúvida uma maneira errônea de pensar. Cumpre-nos descobrir e, para descobrir, temos de experimentar.

Assim, para compreendermos esse ambiente e ficarmos livres dele, dentro de nós, é necessário conhecermos não só todas as influências ocultas, armazenadas no inconsciente, mas também aquilo com que estamos em conflito. Como vemos, cada um de nós é o resultado do ambiente, não está separado do ambiente. Que é, pois, isso com que

estamos em conflito? Que é isso que reage ao ambiente? Que coisa é essa que chamamos luta?

Vivemos numa batalha constante — mas com quê? Estamos lutando com o ambiente; e, todavia, visto que fazemos parte do ambiente, nossa luta é apenas um processo que nos separa do ambiente. Por esse motivo não há compreensão do ambiente, mas apenas conflito. Isto é, expressando-o diferentemente, quando há compreensão do ambiente, sem luta, não há consciência individual. Afinal de contas, só tendes a consciência de vossa pessoa, de vosso *eu*, quando há conflito. Se não há conflito, não tendes consciência de vós mesmos, na ação.

Tendes consciência de vós mesmos, na ação, só quando tendes uma conclusão, quando há frustração, quando desejais fazer alguma coisa, mas sois impedido. Quando desejais realizar algo e vos sentis barrados, há frustração, e só então há o percebimento do conflito, isto é, a consciência do "eu".

Pois bem, com o que é que estamos lutando? Com os nossos problemas, não é verdade? Quais são os problemas? Os problemas só surgem no estado de relação; eles não existem independentemente das relações. Assim, enquanto eu não me compreender a mim mesmo, em relação com o ambiente, que é as minhas relações com as coisas, com a propriedade, com as idéias e com os entes humanos, minha esposa, meu vizinho, ou o grupo de que faço parte — enquanto eu não compreender minhas relações com o ambiente, é inevitável o conflito.

O ambiente são as relações, vale dizer ação com referência a coisas, pessoas e idéias. Enquanto eu não compreender as relações, tem de haver conflito, e esse conflito me separa como uma entidade distinta do ambiente. Julgo muito importante compreender este ponto; porque, se pudermos compreender a significação do conflito, talvez nos apliquemos de maneira diferente ao problema.

Como vemos, não

compreendemos o ambiente, sendo o ambiente as relações, em ação; e só existem relações entre vós e as coisas, as pessoas e as idéias. Visto que não compreendemos o ambiente, há conflito, isto é, há a consciência individual, a consciência do "eu", e por conseguinte um processo de separação entre nós e o ambiente. É esse conflito que cria a separação; o indivíduo, como "eu", nasce do conflito, e esse "eu" quer então realizar algo, positiva ou negativamente.

Cria, assim, o conflito, inevitavelmente, um processo de separação: o indivíduo como entidade separada do grupo, da comunidade, etc. Esse processo de separação do "eu" acentua e intensifica mais ainda o conflito que observamos na vida de cada dia.

Pois bem, é possível viver sem conflito? Porque o conflito invariavelmente intensifica o processo de separação, e, por isso, não há possibilidade de sairmos dele. Só se encontra uma saída, quando cessa o conflito. É possível viver sem conflito? Para descobrirmos se é possível viver sem conflito, temos de compreender o que se entende por viver. Que entendemos por viver? Entendemos, por certo, o processo das relações, uma vez que não há viver no isolamento. Nada pode viver no isolamento.

Por viver se entende, não é verdade? — o amplo processo das relações, das relações em ação. É possível compreender as relações, em vez de se criar um conflito por efeito das relações? É possível haver relações sem conflito? Vede bem a importância que isso tem, isto é, enquanto há conflito, não há pensar nem viver criador. O conflito só pode acentuar a separação e tornar-se, assim, mais forte ainda.

É possível viver, estar em relação, sem conflito? Digo que é possível, mas só se compreenderdes as relações, e não resistindo a elas. Isto é, tenho de compreender as minhas relações psicológicas com as coisas, com as pessoas e com as idéias. É possível compreender esse conflito, e é necessário o conflito, para a compreensão? Isto é, tenho de

lutar com o problema, para compreender o problema? Ou existe alguma maneira diferente de nos aplicarmos a ele?

Digo que há uma maneira diferente de nos aplicarmos ao problema do conflito, a qual, vós mesmos, podeis experimentar, e que consiste em compreender o significado do conflito. Isto é, quando luto com um problema, um problema humano ou mesmo um problema abstrato de matemática ou física, a mente se mantém num estado de agitação, de perturbação. Ora, a mente agitada, perturbada, é, por certo, incapaz de compreensão. Vem a compreensão quando a mente é "não-violenta", e não quando está em luta com um problema.

Temos problemas relativos à propriedade, a pessoas e a idéias, mas a primeira coisa que se deve perceber, assim me parece, é que nenhuma espécie de conflito produz a compreensão correta. É só quando compreendo um problema que ele cessa, e para compreender um problema devo não apenas pensar nele, mas ser também capaz de pô-lo de parte.

Não sei se já notastes que, quando tendes um problema, lutais com ele qual um cão com um osso. Passais o dia inteiro pensando no problema, e no fim do dia vos achais exausto e o pondes de parte, dormis sobre o problema; e, então, subitamente, achais a solução. Isso acontece com a maioria das pessoas. Por quê? Ora, é muito simples. A mente consciente, enquanto luta com o problema, é incapaz de o examinar de maneira completa, sem buscar a solução.

A mente consciente quer uma solução para o problema; por conseguinte, o que a interessa não é o problema, mas a solução. A mente consciente não só deseja uma solução, mas também não quer investigar o próprio problema, na sua totalidade. Por conseguinte, a mente consciente está evitando o problema e buscando uma solução. Mas a solução está no problema e não fora dele.

É, portanto, necessária uma completa investigação do problema, sem se buscar uma solução, a fim de que a mente

possa estar quieta, tranqüila. Tratarei de novo desta questão mais adiante, em conexão com as nossas relações com pessoas, com coisas e com idéias, para vermos se não podemos ficar livres dos nossos problemas imediatamente, sem passarmos pelo conflito, que só torna o problema mais confuso.

A repetição da verdade impede a compreensão da verdade, o que significa que a repetição da verdade é um empecilho. A verdade não pode ser repetida. Podeis ler um livro a respeito da verdade, mas a mera repetição de uma afirmativa, tirada desse livro, não é a verdade. A palavra "verdade" não é a verdade, a palavra não é a coisa. Achar a verdade é experimentá-la diretamente, independentemente da palavra.

● *Que é meditação, e como praticá-la?*

Como se trata de um problema de enorme importância e muito complexo, vamos examinar toda a questão com o máximo cuidado. Antes de tudo, apliquemo-nos a ela negativamente; porque, pensar positivamente a respeito de uma coisa que não conhecemos é sustentar o problema, e não sabemos o que é meditação. Ensinaram-nos a maneira de meditar, a maneira de nos concentrarmos, o que devemos fazer e o que não devemos fazer, etc. etc.; mas isso não pode ser meditação.

Temos, pois, de aplicar-nos negativamente ao problema da meditação, a fim de averiguarmos o que é. Aplicar-se positivamente a esse problema, e dizer que a meditação é *isto* ou *aquilo* é evidentemente uma repetição, pois nos disseram o que é a meditação, e estamos apenas repetindo o que se nos disse. Isto, por conseguinte, não é meditação, é pura repetição.

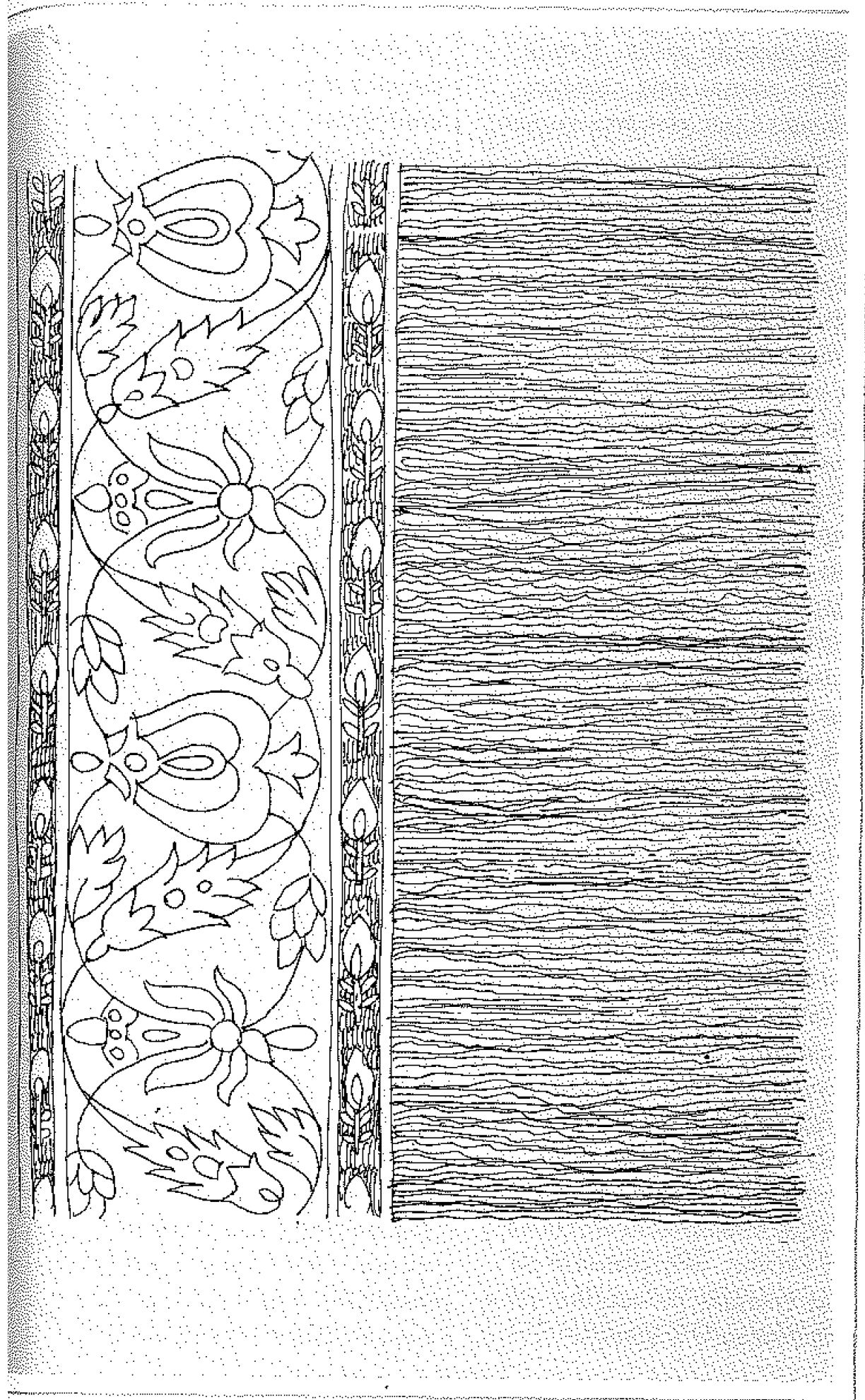
Se pudermos ver o que a meditação não é, haverá então uma possibilidade de descobrirmos o que é a meditação. Sem dúvida, esta é que é a maneira de investigar, este é que é o método racional. Vejamos, portanto.

Pois bem, concentração não é meditação. Vejamos o que isso significa. Concentração implica exclusão. Esta questão vos abre um vastíssimo campo da consciência humana. Sem compreender essa consciência, não tendes base para a ação. Para mim, ingressar em partidos, repetir "slogans", etc., nenhuma significação tem. Se compreendo esse problema da meditação, compreendo todo o problema do viver. A meditação não está separada do viver, como o demonstrarei mais adiante.

Disse eu que concentração não é meditação. Que entendemos por concentração? Não sei se já experimentastes concentrar-vos. Quando procurais concentrar-vos, que fazeis? Escolheis um interesse dentre muitos outros e tentais focar a atenção nesse interesse especial. Não é propriamente um interesse real, mas pensais que deveis estar interessado nele. Isto é, pensais que deveis meditar sobre coisas superiores, e esse é um interesse dentre muitos outros. Preferis, assim, concentrar-vos nele, excluindo todos os demais. É isso o que de fato sucede quando vos concentrais.

Essa concentração, por conseguinte, é um processo de exclusão. Ora, que acontece quando estais tentando concentrar-vos num retrato, numa imagem, numa idéia? Que acontece? Outros pensamentos se insinuam e vós tentais afastá-los; e quanto mais os afastais, tanto mais eles se insinuam. Consumis, assim, o vosso tempo, no esforço de resistir e de desenvolver uma determinada idéia. Chama-se concentração esse processo, esse esforço de fixar a mente num interesse que colhestes, e de excluir todos os demais. É isso o que entendemos por concentração.

Ora, para se compreender uma coisa qualquer, tendes de aplicar-lhe toda a vossa atenção, sendo que essa atenção plena é a atenção inteiramente livre de obstrução. Tendes de dar todo o vosso ser, para compreenderdes qualquer coisa. Mas que acontece quando procurais concentrar-vos e ao mesmo tempo resistir? Estais procurando seguir por uma determinada trilha, mas vossa mente está continuamente a divagar noutra direção, e por

É porque as nossas vidas estão cheias de noções técnicas e murmurações supersticiosas, que elas são tão vazias, que procuramos então uma finalidade fora de nós mesmos.

conseguinte não estais dando vossa atenção plena. Estais dando apenas uma atenção parcial, e por esse motivo não há compreensão.

A concentração, por conseguinte, não nos ajuda a alcançar a compreensão, e é importantíssimo que se compreenda esse ponto. Onde há exclusividade de atenção, tem de haver distração. Se procuro forçar a minha atenção a fixar-se numa coisa, a minha mente está então resistindo a outra coisa. Essa resistência é distração. Logo, onde há conflito entre atenção e distração, não há absolutamente, concentração. Há uma batalha, e essa batalha prossegue até que a mente, cansada de lutar, se fixa no interesse escolhido.

Ora, o fixar-se no interesse escolhido não é meditação. É, meramente, desejo, a resistência e o interesse de exclusão, resultante da escolha. A mente nessas condições é uma mente embotada. Essa mente é insensível, incapaz de reação, porque se consumiu em resistir, em excluir, despendendo as suas energias no conflito entre a distração e a atenção. Perdeu a elasticidade, o poder de descobrir a bem-aventurança. É por conseguinte uma mente decadente, incapaz de presteza e flexibilidade. A meditação, pois, não é concentração.

Outrossim, meditação não é prece. Vejamos o que fazemos quando oramos. Que sucede, na realidade, psicologicamente, quando oramos? Que entendemos por prece? Repetição de certas frases, súplica, petição. Quando rezo, rogo a uma entidade superior, uma inteligência superior, que me esclareça, que me livre de uma tribulação, que me ajude a compreender um problema, ou que me conceda conforto ou felicidade.

Assim, em geral, a prece implica súplica ou pedido de ajuda, para sairmos de uma tribulação ou para recebermos uma resposta — o que explicarei mais adiante. Pois bem, não sei se já orastes. Alguns de vós provavelmente já o fizestes. Não o negueis, dizendo que é tolice porque milhões de pessoas rezam e devem obter resposta, pois, do contrário, não rezariam. Se essa resposta representa a

verdade, ou não, é o que vamos averiguar.

Ora, que acontece quando rezais? Pela repetição de certas frases, ou palavras, pela repetição de certos "encantamentos", a mente se torna tranqüila. Assim, parte da função da prece consiste em narcotizar a mente, tornando-a tranqüila, porque, quando tranqüila, fica apta para receber.

Isto é, se nos sentamos, ou nos ajoelhamos, se juntamos as mãos e ficamos a repetir certas frases, a mente, como é natural, se torna tranqüila; e nesse estado de tranqüilidade ela é receptiva. Ora, que recebe ela? Recebe a resposta que deseja; e digo então que Deus me falou, que minhas preces foram atendidas, e que encontrei a solução de minhas dificuldades. Por isso, digo que na oração encontro a realidade. Mas que foi que aconteceu de fato?

A mente superficial, que estava agitada, se tornou quieta; e nessa quietude é ela capaz de receber as mensagens do oculto, da mente inconsciente, e essas mensagens são as coisas que desejo.

Podem essas respostas provir de Deus ou da realidade? É deveras extraordinária essa nossa idéia, de que Deus está tão sumamente interessado em nossas pessoas; que, depois de termos posto o mundo em desordem, com nossa inveja e nossa violência, basta recitarmos uma oração, para que ele responda imediatamente.

Assim reza Hitler, assim rezam os católicos, assim rezam os Aliados — e nosso povo também ora a Deus. Onde a diferença? Todos desejamos uma resposta que seja satisfatória; e, uma vez que a prece é um meio de obter satisfação, a resposta há de ser satisfatória. Quer a chameis "a voz interior", ou a voz da realidade, ela é sempre portadora de satisfação. A prece, por conseguinte, é um meio de aquietar a mente, com o fim de encontrarmos ou recebermos satisfação.

Enquanto anda em busca de satisfação, a mente não está à procura da realidade. Enquanto busca conforto, refúgio, a mente é incapaz de receber o desconhecido; só é capaz de receber aquilo que é

conhecido, que é sua própria projeção. Eis por que a prece proporciona satisfação, por que obtém resposta satisfatória.

Vemos que concentração não é meditação e que prece não é meditação. Tampouco é meditação a devoção. A que vos devotais? Quando dizeis "Sou devoto por natureza", "Sou devotado a alguma coisa", que entendeis por devoção? Sois devotado a alguma coisa que, em troca, vos dá satisfação; não sois devotado a nada que cause incômodos.

Sois devotado a uma coisa que vos agrada, que traz satisfação, que vos dá um sentimento de segurança, de bem-estar, que vos faz sentimental; e essa coisa a que sois devotado é uma projeção de vós mesmo. Aquilo a que sois devotado vos dá uma satisfação sutil, positiva ou negativa, e por conseguinte vossa devoção não é meditação.

Que é então a meditação? Se a concentração, a prece e a devoção não são meditação, que é meditação? Evidentemente, a meditação começa com a compreensão de nós mesmos. Compreender-vos a vós mesmo é estar cônscio de vós mesmo na ação, o que significa ver o que de fato sucede quando vos concentrais, quando orais, quando sois devotado. É um processo no qual estais descobrindo a vós mesmo. Só podeis descobrir a vós mesmo nas relações, que significam ação.

Afinal de contas, se percebeis o que acontece quando vos concentrais, estais descobrindo as "maneiras" do vosso próprio pensar; quando examinais a concentração, começais a descobrir a vós mesmo, em funcionamento, quando orais ou quando sentis devoção. Ao descobrirdes todo o significado da oração e da devoção, começai-vos a compreender a vós mesmo. Assim, quando seguis o processo do pensamento, com respeito à concentração, à prece, à devoção, estais-vos descobrindo a vós mesmo em relação com essas coisas; e tudo isso é um processo de meditação.

A meditação, pois, é o começo do autoconhecimento — do

conhecimento de nós mesmos, tais como somos e não como gostaríamos de ser. O desejo de ser uma coisa diferente, constitui um obstáculo a que vos vejais como sois. Meditação é tomar conhecimento, sem condenação, de cada pensamento, de cada sentimento, de cada palavra. No instante em que condenais, pondes em movimento outro processo de pensamento, e cessa o autodescobrimento.

Afinal de contas, como já disse, a meditação é um processo de autodescobrimento e esse autodescobrimento é infinito. A meditação, pois, é um processo eterno, atemporal. Para compreender o que é atemporal, que é desconhecido, que é real, que não pode ser expresso por palavras — para compreender isso, o processo de pensamento precisa ser compreendido integralmente; e ele não pode ser compreendido senão, e unicamente, no estado de relação.

Não existe isolamento. Um homem que se senta num quarto fechado ou se retira para uma floresta ou uma montanha, continua em relação com alguma coisa, pois é impossível fugir ao estado de relação. E é só no estado de relação que sou capaz de me compreender a mim mesmo, e, por conseguinte, de saber meditar.

A meditação, pois, é o começo da compreensão, a meditação é o começo do autoconhecimento. Sem meditação não há autoconhecimento; e sem autoconhecimento não há meditação. Precisais, portanto, começar procurando saber o que sois. Não podeis ir longe se não começais com o que está bem perto, se não compreendeis o processo cotidiano de vossos pensamentos, sentimentos e ações.

Em outras palavras, o pensamento precisa compreender o seu próprio funcionamento; e quando vos perceberdes a vós mesmo em funcionamento, observareis que o pensamento se move do conhecido para o conhecido. Não se pode pensar no desconhecido. O que se conhece não é real, porque o que se conhece só existe no tempo. O desembaraçar-nos da rede do tempo é o que

importa verdadeiramente, e não o pensarmos a respeito do desconhecido; porque não é possível pensar no desconhecido.

As respostas às vossas orações procedem do conhecido. Para receber o desconhecido, a mente precisa, ela própria, tornar-se o desconhecido. A mente é o resultado do processo do pensamento, resultado do tempo, e esse processo de pensamento deve cessar. Não pode a mente pensar no que é eterno, no que é atemporal; por conseguinte, a mente precisa livrar-se do tempo, o processo integral da mente precisa dissolver-se.

Só quando a mente está de todo livre do ontem, e por conseguinte não mais utiliza o presente como uma passagem para o futuro, é ela capaz de receber o eterno. O que é conhecido não tem relação alguma com o desconhecido. Por isso não podeis orar ao desconhecido, não podeis concentrar-vos no desconhecido. Tudo isso é sem significação. O que importa é descobrir como a mente funciona, perceber-vos a vós mesmo em ação. Logo, o que mais importa, na meditação, é o nos conhecermos a nós mesmos, não apenas superficialmente, mas todo o conteúdo da consciência interior, da consciência oculta.

Se não conheceis tudo isso e não ficais livre do seu condicionamento, não podeis de modo algum ultrapassar os limites da mente. Eis por que deve cessar o processo do pensamento, e para que ele cesse, há necessidade do conhecimento de nós mesmos. A meditação, por conseguinte, é o começo da sabedoria, que é a compreensão de nossa mente e nosso coração.

Esta é uma questão de vida e de morte; porque, se compreendestes o que estive dizendo, se dará uma revolução em vossa vida, uma experiência devastadora. Mas se o tomais apenas como um entretenimento, uma diversão ocasional, como o ir ao cinema, nesse caso, podeis continuar a ouvir-me, sem sentir perturbação alguma. Mas se souberdes escutar corretamente, sofrereis tremenda comoção, e por

conseguinte será possível uma revolução.

Assim, não ouçais apenas as palavras, porque palavras têm muito pouca importância. Mas a maioria de nós somos nutridos de palavras sem nenhuma substância, não podemos pensar sem palavras; e pensar sem palavras é o pensar negativo, que constitui a forma mais elevada do pensar. Não é isso possível, quando as palavras são importantes, quando a palavra representa o fim.

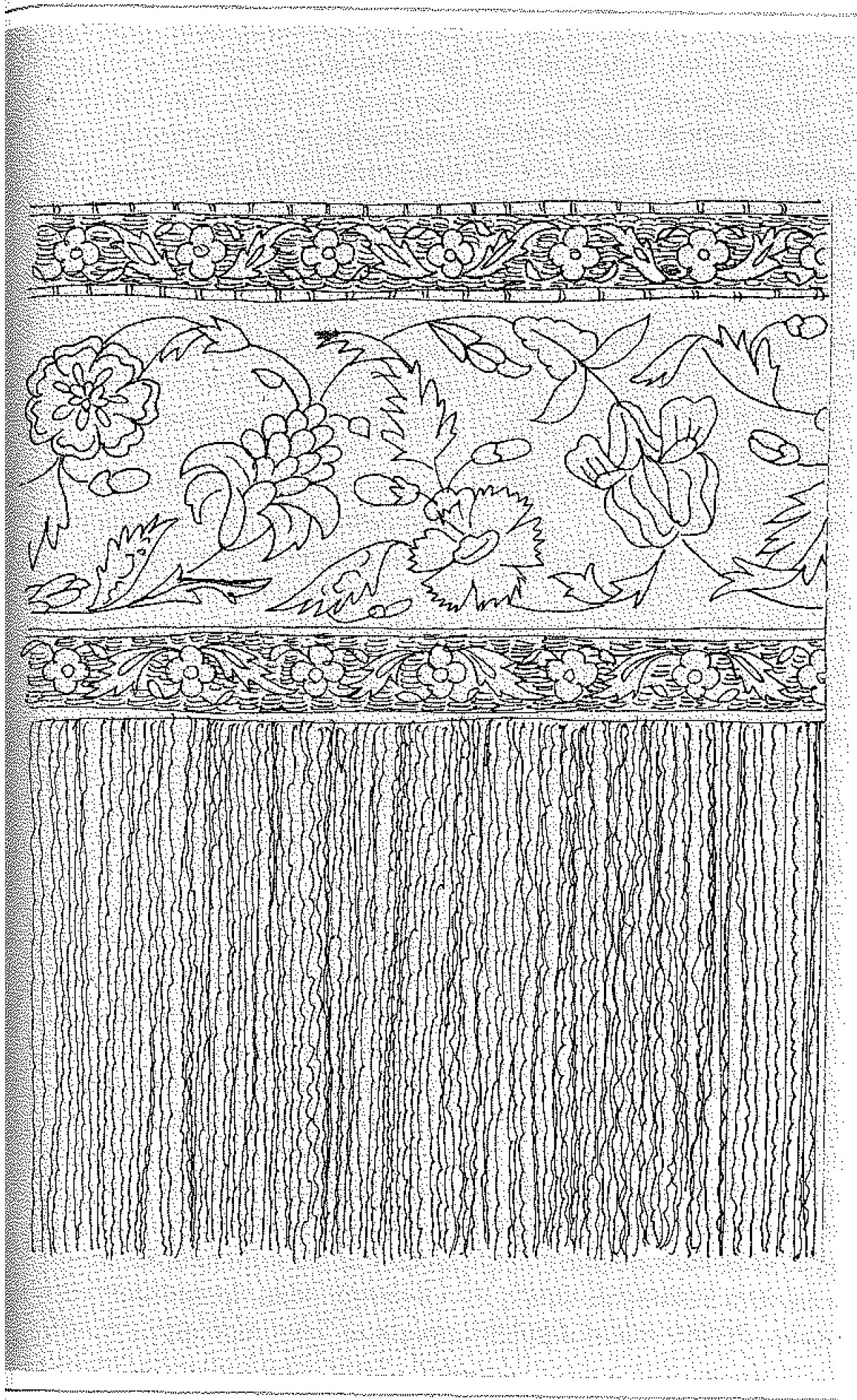
Consideremos a palavra Deus. Quando se emprega essa palavra, sentis uma forte agitação, uma forte sensação, o que significa que a palavra é que é importante e não a coisa que ela representa. Estais, pois, preso na rede das palavras. O homem que está em busca do real, não confunde a palavra, a linguagem, com a coisa que ela representa.

● *O interesse por uma coisa, uma pessoa ou uma idéia não ocasiona uma concentração sem esforço, mas, sem embargo, "exclusiva", no objeto que nos interessa?*

Que entendemos por interesse? Podemos afirmar com sinceridade que temos interesse por uma única coisa? Tal asserção, evidentemente, não seria verídica. Temos interesse por muitas coisas. Nossa atenção se foca ora numa coisa ora noutra. Toda vez que um determinado interesse atrai a nossa atenção, isso ocasiona uma perturbação, e damos-lhe então atenção.

É isso, com efeito, o que acontece. Isto é, tenho muitos interesses, sou uma entidade de muitas máscaras. Dentre todas essas entidades de muitos interesses, escolho uma na suposição de que me será útil. Que acontece quando assim procedo? Quando estou concentrando a minha atenção, estou, na realidade, excluindo outros interesses. Por certo, quando concentro minha atenção num só interesse, minha atenção é "exclusiva"; por conseguinte, embora eu tenha interesse por outras coisas, procuro excluí-las.

Isto é, tenho muitos interesses, escolho um interesse e procuro fixar nele a minha atenção; e

Não existe isolamento. Um homem que se senta num quarto fechado ou se retira para uma floresta ou uma montanha, continua em relação com alguma coisa, pois é impossível fugir ao estado de relação.

quando o faço, crio resistência, o que significa um estado de luta, de sofrimento. Só há ausência de esforço quando há compreensão de todos os interesses e não a escolha "exclusiva" de um único interesse.

Vós sois o total de interesses numerosos e variáveis que se modificam a todos os instantes; escolher um interesse e nele focar a mente é tornar a mente estreita, mesquinha e "exclusiva". A mente assim é incapaz de compreensão. Mas, por outro lado, a mente que percebe a significação de cada interesse que surge a cada instante, é capaz de um vasto percebimento, uma ampla sensibilidade.

Estais prestando atenção ao que estou dizendo. Não estais fazendo exclusão de nada, não é verdade? Estais percebendo a verdade do que é — que é um fato óbvio. Por isso, o vosso percebimento tem amplitude, é ilimitado. Estais dando a vós mesmos inteira liberdade para ver e apreciar. Não há esforço algum, a vossa atenção está inteiramente focada, sem resistência nem exclusão. Nesse estado ocorre um fato extraordinário: estamos expandidos e entretanto podemos dar atenção ao que é particular; a concentração no que é particular destrói o percebimento extensivo, ao passo que, se somos capazes de estar extensivamente cônscios, podemos dar atenção ao particular, sem assumirmos uma atitude de resistência.

A concentração no particular destrói o percebimento amplo, ao passo que, se sois capaz de estar amplamente vigilantes, podeis dar atenção ao que é particular, sem que haja resistência. Não sei se percebeis a beleza disso. Isso é amor, não é verdade? O amor é "extensivo", e por isso é possível amar ao que é particular.

Mas a maioria de nós, não tendo esse amor "extensivo", voltamo-nos para o particular, e o particular nos destrói. Nessas condições, só há atenção isenta de esforço — a única que traz a compreensão — quando são tomados em conjunto e compreendidos os nossos interesses múltiplos e variáveis. Mas, quando a mente se foca num único

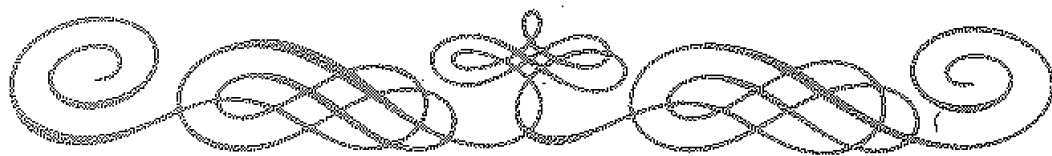
interesse, com exclusão dos demais interesses, essa atenção é "exclusiva" e destrutiva, torna a mente estreita e por conseguinte é um fator de deterioração.

A mente estreita pode produzir resultado imediatos, mas é incapaz de compreensão "extensiva"; mas quando a mente tem amplitude, pode incluir também o particular. Essa elasticidade, essa flexibilidade e presteza da mente, não podem existir quando há resistência; por conseguinte, precisamos estar bem cônscios e ter perfeita compreensão dos muitos interesses, em vez de lhes opormos resistência.

Assim que desponta cada interesse, examinai-o; não o condeneis, não o justifiqueis; examinai-o, absorvendo-o de maneira plena, completa. Não importa que se trate de um interesse sexual, do desejo de ser alguém ou de outro interesse qualquer. Examinai cada interesse e notai tudo o que ele contém; pensai-o de princípio a fim; e vereis então que a mente é capaz de estar extensamente cônscia de cada interesse, percebendo imediatamente todo o seu conteúdo, sem precisar penetrá-lo passo a passo. Uma mente assim é essencial, sem dúvida, para a compreensão do real, porque o real, aquilo que é verdadeiro, não é "exclusivo".

Nossa mente é "exclusiva" porque a educamos para ocupar-se apenas com o particular, porque a forçamos a concentrar-se num único interesse, excluindo todos os demais. Por isso é ela incapaz de receber aquilo que não tem limites. Embora leiais livros a respeito do ilimitado, e repitais o que lestes, o que fareis é meramente hipnotizar-vos a vós mesmos. Mas se, pelo contrário, fordes capaz de examinar cada interesse, sem condenação ou justificação, sem vos identificardes com ele, se puderdes ter a percepção de todo o seu conteúdo, vereis, então, que a mente, estando livre, é, ao mesmo tempo, veloz e muito lenta.

É como um motor muito poderoso e perfeitamente equilibrado — pode funcionar a grande velocidade, mas também andar muito

lentamente. É só então que a mente é capaz de receber as mensagens do real. Mas a mente "exclusiva", limitada, condicionada, nunca pode compreender aquilo que é eterno. Compreender o eterno é compreender a si mesmo. Quando há interesses múltiplos, temos de compreender cada interesse logo que surge, e só então pode haver aquela liberdade na qual é possível descobrir-se o real.

O Amor Abstrato

Nossa vida está rodeada de problemas, em todos os níveis. Temos não apenas os problemas físicos, mas também problemas muito mais sutis e intricados, ou sejam, os problemas psicológicos; e sem resolvermos os problemas psicológicos, ou pelo menos tentar compreender a sua sutileza, procuramos meramente reordenar os seus efeitos. Procuramos harmonizar os efeitos, sem termos uma compreensão real das causas que produzem esses efeitos.

Parece-me, por conseguinte, muito mais importante que se compreendam os efeitos, os conflitos e tribulações psicológicas do que tratarmos apenas de reordenar o padrão dos efeitos; porque a mera conciliação dos efeitos não pode resolver, profunda e definitivamente, os problemas que se nos apresentam.

Se apenas reordenamos os efeitos, sem compreendermos as lutas psicológicas que geram esses efeitos, produziremos naturalmente mais confusão, mais antagonismo, mais conflito. Assim, na compreensão dos fatores psicológicos que geram o nosso bem-estar, pode haver uma possibilidade — e acredito que há uma possibilidade bem definida — de se criar uma nova cultura e uma nova civilização; mas isso deve começar em cada um de nós, porque, afinal de contas, a sociedade são as minhas relações convosco, e vossas relações com outras pessoas.

A sociedade é o produto das

nossas relações, e se não compreendemos as relações, que são ação, não pode verificar-se a cessação do conflito. Nessas condições, o estado de relação e seu efeito e causa têm de ser compreendidos cabalmente, antes que eu possa transformar ou revolucionar radicalmente a minha maneira de viver.

Temos muito interesse com relação ao problema individual, bem como em relação ao nosso próprio sofrimento psicológico. Compreendendo o problema individual, estabeleceremos naturalmente uma disposição diferente, dos seus efeitos. Mas não devemos começar pelos efeitos; porque, afinal de contas, não vivemos só dos efeitos, mas também das causas mais profundas.

Nosso problema consiste em compreender o sofrimento e o conflito no indivíduo. Uma simples explicação verbal do sofrimento, uma simples ação intelectual, ou percebimento das causas do sofrimento, não dissolve o sofrimento. Esse é um fato óbvio; mas, como a maioria de nós nos nutrimos de palavras e como as palavras se tornaram de imensa importância, satisfazemo-nos facilmente com explicação. Lemos o *Bhagavard Gîta*, a Bíblia, ou qualquer outro livro religioso que explica a causa do sofrimento, e ficamos satisfeitos; tomamos a explicação pela dissolução do sofrimento.

As palavras se tornaram muito mais significativas do que a compreensão do próprio sofrimento; mas a palavra não é a coisa. Não há quantidade de explicação nem de raciocínio capaz de alimentar um homem faminto. O que ele quer é alimento, e não uma explicação sobre o alimento, ou o cheiro do alimento. Tem fome, e precisa de substância nutritiva. Os mais de nós nos satisfazemos com a explicação da causa do sofrimento.

Por isso não consideramos o sofrimento como uma coisa que precisa ser dissolvida, como uma contradição em nós existente, que precisa ser compreendida. Como pode o homem compreender o sofrimento? Só pode compreender o sofrimento quando se cala a explicação e todas as espécies de fugas são

compreendidas e abandonadas, ou seja, quando percebe o que é real, no sofrimento.

Mas vós não quereis compreender o sofrimento; fugis para o clube, para a leitura dos jornais, para o *puja*, para o templo, mergulhais na política ou em obras sociais — tudo, menos enfrentar o que *é*. Assim, o cultivo dos meios de fuga se torna muito mais importante do que a compreensão do sofrimento; e requer-se uma mente muito inteligente, uma mente muito desperta, para perceber que está fugindo e para pôr fim à fuga.

Agora, já expliquei que o conflito não produz o pensar criador. Para se ser criador, para se produzir qualquer coisa, a mente precisa estar em paz, o coração cheio. Se desejais escrever, ter pensamentos elevados, investigar a verdade, é necessário que cesse o conflito; mas, em nossa civilização, as fugas se tornaram muito mais importantes do que a compreensão do conflito.

As coisas modernas nos ajudam a fugir, e fugir significa uma carência total de poder criador, significa autoprojeção. Isso não resolve o nosso problema. O que resolve o nosso problema é o deixarmos de fugir e ficarmos com o sofrimento; porque, afinal de contas, para se compreender uma coisa, precisamos dar-lhe toda a atenção, e as distrações são meras fugas. O compreender as fugas, que significa pôr-lhes fim, com o percebimento da sua falsidade, e o perceber, no seu todo, o significado do sofrimento, é um processo de autoconhecimento.

Sem autoconhecimento, sem vos conhecerdes fundamentalmente, não os meros efeitos superficiais das vossas ações, mas o processo total de vós mesmo, o pensante e o pensamento, o agente e a ação — sem esse autoconhecimento, não há base para o pensamento. Podeis repetir como um gramofone, mas não sereis compositor, não tereis nenhuma canção em vosso coração.

Vemos, que só quando temos o autoconhecimento, pode cessar o sofrimento. Que significa, afinal, o sofrimento?

— não como explicação verbal, mas como um fato? Como surge o sofrimento, não só como uma observação científica, mas na sua realidade? Para sabermos, para descobrirmos, é essencial, sem dúvida, o descontentamento. Precisamos estar inteiramente descontentes, para podermos fazer descobertas.

Mas quando há descontentamento — e a maioria de nós estamos descontentes — achamos uma maneira muito fácil de sufocar esse descontentamento. Tornamo-nos alguma coisa: funcionários, patrões, clérigos, ou o que mais seja — tornamo-nos qualquer coisa, para sufocar essa chama, essa centelha, essa insatisfação. Materialmente, bem como psicologicamente, queremos certeza, queremos segurança, não queremos ser perturbados. Queremos certeza, e quando a mente está à procura de certeza, de segurança, não há insatisfação; e a maioria de nós passa a vida nessa atividade — todos buscamos a segurança.

É evidente a necessidade de segurança física: precisamos de alimento, de roupas e de morada; mas a segurança física é negada quando procuramos a segurança psicológica, que significa auto-expansão por meio das necessidades físicas. Uma casa, em si, não é importante senão como abrigo, mas nós nos servimos da casa como meio de engrandecimento próprio. É por isso que se torna tão importante a propriedade, e, conseqüentemente, criamos um sistema social que nega a equitativa distribuição de alimentos, roupa e morada.

Assim, é o descontentamento que impulsiona, que cria, que nos impele para a frente; e se podemos compreender o descontentamento, sem o sufocarmos com a busca da certeza, da segurança psicológica, se podemos conservar vivo esse descontentamento e a sua chama, então o nosso problema é simples; porque esse próprio descontentamento é criador, e com ele podemos ir para diante.

Mas no momento em que sufocamos o descontentamento, afastando-

o, opondo-lhe resistência, escondendo-o, então a nossa mente só está interessada na conciliação dos efeitos, e o descontentamento já não é um meio que nos leva para a frente, que nos faz mergulhar no desconhecido. Eis por que tanto importa que cada um se compreenda verdadeiramente a si mesmo. O estudo de si mesmo não é um fim, é um começo; não tem fim o conhecimento de nós mesmos, pois é um movimento constante.

Se vos observardes com muita atenção, vereis que não há nenhum momento fixo em que possais dizer "compreendo a totalidade de mim mesmo"; o estudar a si mesmo é como ler uma obra de muitos volumes; quanto mais nos estudamos a nós mesmos, tanto mais há para se estudar. Por conseguinte, o movimento do "eu" é atemporal; e esse "eu" não é um "eu" superior ou inferior, mas um "eu" de momento por momento, com suas ações, seus pensamentos, suas palavras.

Esse autoconhecimento é o começo da sabedoria, e nesse autoconhecimento descobre-se um estado de total tranqüilidade, no qual a mente não é posta tranqüila, mas, sim, *está* tranqüila; e só quando a mente está tranqüila, quando não está presa ao processo do pensamento nem ocupada com suas próprias criações — é só então que há a realidade, que há a criação. É essa criação, esse percebimento da realidade, que nos libertará do nosso problema, e não a busca de uma solução para o problema.

Assim, o autoconhecimento é a arte da meditação e sem autoconhecimento não há meditação. O autoconhecimento não é algo que se aprende de um livro, de um *guru*, ou instrutor. O autoconhecimento começa com a compreensão de nós mesmos, momento por momento, e essa compreensão requer toda a nossa atenção a cada pensamento, a todo e qualquer momento, sem termos um fim em vista; porque não pode haver atenção completa quando há condenação ou justificação.

Quando a mente condena ou justifica, ela o faz ou para negar ou para fugir ao que

percebe. É muito mais fácil condenar uma criança do que compreender uma criança. De modo idêntico, quando surge um pensamento é muito mais fácil afastá-lo para o lado, ou disciplíná-lo, do que dar-lhe toda a atenção e descobrir, assim, o seu inteiro significado.

O problema, por conseguinte, é o de nos compreendermos a nós mesmos; e só podemos aplicar-nos a ele corretamente quando não há justificação, condenação, ou resistência, — e vereis, então, como o problema se desenrola como um mapa.

Para se descobrir o que é eterno, o processo da mente tem de ser compreendido. Não se pode pensar no desconhecido, só se pode pensar no conhecido, e o que é conhecido não é o real. A realidade não pode ser pensada, meditada, imaginada ou formulada; se o é, não é o real, porque, nesse caso, é apenas uma projeção da mente.

É só quando cessa o processo do pensamento, só quando a mente está verdadeira e totalmente tranqüila — e a tranqüilidade só é possível com o autoconhecimento — é só então que se compreende a realidade; e é o real que resolve os nossos problemas, e não as nossas sutis distrações e fugas formuladas.

● *Meus pais são ortodoxos e dependem de mim, mas eu já deixei a sua crença ortodoxa. Como devo atender a esta situação? Isso constitui para mim um verdadeiro problema.*

Por que deixastes de ser ortodoxo? Antes de dizer "deixei de ser ortodoxo", não vos cabe averiguar por que, por que razão o fizestes? Será porque vedes que a ortodoxia é mera repetição sem significação alguma, um molde dentro do qual o homem vive, porque tem medo de ir mais longe, de descobrir? Ou será que abandonastes a ortodoxia, por força de uma mera reação, porque a moda agora é rejeitar o que é antigo, o que é velho? Rejeitastes o velho sem o compreender? — o que é mera reação.

Se assim foi, então o caso é muito diferente e suscita um

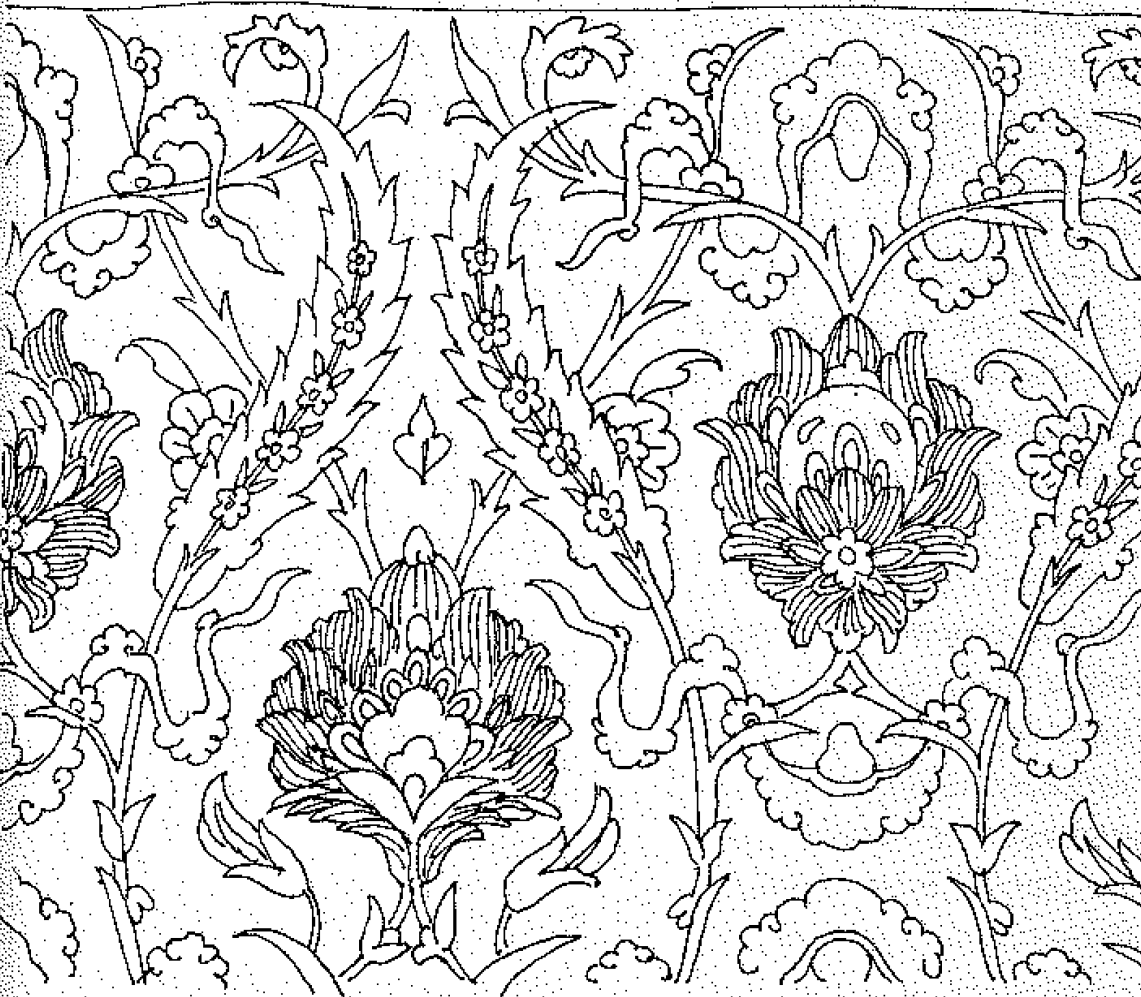
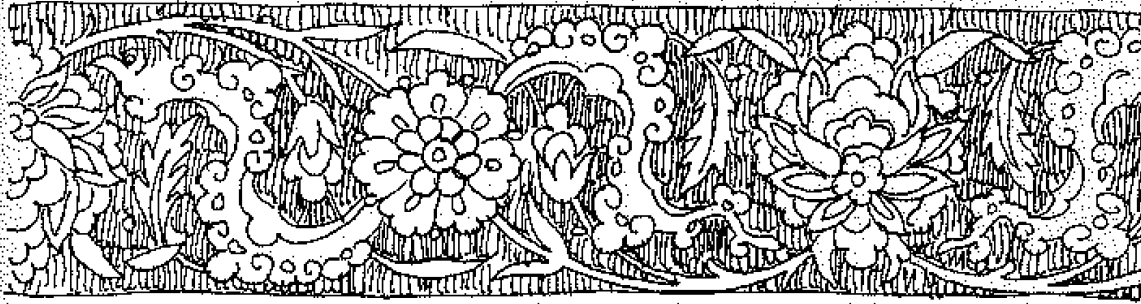
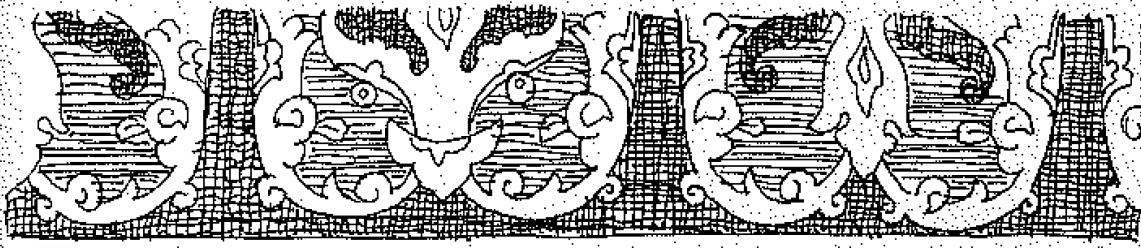
outro problema inteiramente diverso. Mas se deixastes de ser ortodoxo por perceberdes que a mente que está presa à tradição, ao hábito, é sem compreensão, nesse caso conheceis o verdadeiro significado da ortodoxia. Não sei o que fizestes: ou vós a deixastes, em sinal de protesto; ou a abandonastes — ou, melhor, ela se desprendeu de vós naturalmente — porque a compreendeis.

Pois bem, se foi este último caso, quais são então os vossos deveres para com as pessoas ortodoxas que vos rodeiam? Deveis ceder à sua ortodoxia, porque são vossa mãe, vosso pai, porque eles choram e perturbam a harmonia doméstica, chamando-vos um filho desobediente? Deveis ceder a eles por causa da perturbação que criam? Qual é o vosso dever? Se cedeis, então a vossa compreensão da ortodoxia não tem valor; sois então condescendente, não quereis perturbação, não quereis incômodos.

Mas, positivamente, vós precisais de perturbação, é essencial que haja uma revolução — não do gênero sangrento, mas uma revolução psicológica, que é muito mais importante do que a mera revolução dos efeitos externos. Os mais de nós temos medo de uma revolução fundamental; condescendemos com os nossos pais, dizendo: "Assim como está, já há bastante perturbação no mundo, por que hei de criar maior perturbação?"

Mas essa, por certo, não é a resposta correta, achais que é? Quando nos vem uma perturbação, devemos expô-la à luz, abri-la, examiná-la. Aceitar meramente uma atitude, condescender com os pais, para que não nos causem perturbações, não nos expulsem de casa, isso por certo não traz nenhum esclarecimento; só tem o efeito de ocultar o conflito, recalcá-lo, e um conflito recalcado atua em nosso ser psicológico, como um veneno no organismo.

Se há tensão entre vós e os vossos pais, essa contradição tem de ser enfrentada, se desejais viver criadoramente, com felicidade; mas como a maioria de nós não deseja viver uma vida criadora, satisfazemo-nos com sermos

A maioria de nós não deseja a felicidade luminosa que a verdade traz. Desejamos tão-somente satisfação, e por esse motivo condescendemos e dizemos "Está tudo bem".

estúpidos, dizendo "está muito bem; cederei". Afinal de contas as relações com os outros, principalmente com pai, mãe ou filho, são uma coisa muito difícil, pois as relações, para a maioria de nós, constituem uma coisa em que procuramos satisfação.

Não queremos encontrar perturbações nas relações. Sem dúvida, quando um homem está em busca de prazer, satisfação, conforto, segurança, nas relações, essas relações são uma coisa sem vida; ele as converte numa coisa morta. Afinal, que são as relações? Qual é a função das relações? Elas, por certo, constituem um meio pelo qual me descubro a mim mesmo. As relações são um processo de auto-revelação; mas se a auto-revelação é desagradável, insatisfatória, perturbadora, não temos vontade alguma de continuar a encará-la. Tornam-se, assim, as relações um simples meio de comunicação, e, por conseqüência, uma coisa morta.

Mas se as relações são um processo ativo, no qual há auto-revelação, no qual me descubro a mim mesmo, como num espelho, então, essas relações não só produzem conflito, perturbação, mas também delas provém o esclarecimento e a alegria.

A questão, pois, é esta: se não sois ortodoxo, qual é o vosso dever para com a pessoa que depende de vós? Ora, quanto mais velhos ficamos, mais ortodoxos nos tornamos; isto é, visto que sabeis que em breve chegareis ao fim da vida, e ignorais o que vos aguarda do outro lado, buscais a segurança nos dois lados.

Mas o homem que crê sem compreender, é obviamente estúpido; e deve-se incentivar a estupidez? A crença cria o antagonismo, a natureza mesma da crença é dividir: vós credes numa coisa, e eu creio noutra; sois comunista, eu sou capitalista, o que afinal é uma simples questão de crença; vós vos denominais hinduísta, eu me intitulo muçulmano — e por isso nos massacramos mutuamente.

A crença, portanto, é por certo um fator de desavença entre os homens; e, reconhecendo todos esses fatores, qual é o vosso dever?

Pode uma pessoa aconselhar à outra o que deve fazer? Vós e eu podemos estudar juntos uma questão, mas é a vós que compete agir, depois de estudá-la. Para estudar, precisais prestar atenção; e tendes de enfrentar as conseqüências de vossa decisão: não podeis deixar isso a meu cargo ou a cargo de outro qualquer.

Se compreendeis e estais inteiramente disposto a enfrentar qualquer perturbação, — a ser expulso de casa, a ser chamado filho ingrato, etc. etc. — então para vós a ortodoxia nenhuma importância tem; só a verdade, que é a compreensão do problema, tem suma importância, e por conseguinte, estais pronto a enfrentar todas as perturbações.

Mas a maioria de nós não deseja a felicidade luminosa que a verdade traz; desejamos tão-somente satisfação, e por esse motivo condescendemos e dizemos "Está muito bem; farei o que desejardes, mas pelo amor de Deus, deixai-me em paz". Por essa maneira nunca havereis de criar uma nova sociedade, uma nova civilização.

● *É conclusão universalmente admitida pelos modernos intelectuais, que os educadores falharam. Qual é então a tarefa daqueles cuja função é educar a juventude?*

Há vários problemas compreendidos nesta questão; para os compreendermos, precisamos estudá-los muito atentamente. Em primeiro lugar, por que tendes filhos? É por mero acidente, é isso um acontecimento não desejado? É para conservarem o vosso nome, vosso título, vossa propriedade, que tendes filhos? Ou, amais e tendes filhos? Em que caso estais?

Se tendes filhos apenas como brinquedo, se vos sentis solitário e um filho vos ajuda a dissimular a vossa solidão, então os filhos se tornam importantes, como projeções de vós mesmo. Mas se os filhos não constituem simples meio de

divertimento, ou um resultado de acidentes, se deveras amais os vossos filhos, cuidareis de que tenham uma educação adequada. Em outras palavras, precisamos ajudar os nossos filhos a ser inteligentes, sensíveis, a ter uma mente e um coração flexíveis, capazes de corresponder a qualquer situação.

Sem dúvida, se realmente amais o vosso filho, não sereis, na vossa qualidade de pai, nacionalista, não pertencereis a nação alguma, a nenhuma religião organizada; porque, evidentemente, se sois nacionalista, se venerais o Estado, então inevitavelmente destruireis o vosso filho, porque estais criando a guerra.

Se realmente amais o vosso filho, tratareis de averiguar qual é a vossa relação com a propriedade; porque foi o instinto de posse que conferiu à propriedade tão enorme importância, e é ele que está destruindo o mundo. Outrossim, se amais realmente os vossos filhos, não pertencereis a nenhuma religião, porque a crença gera o antagonismo entre um homem e outro. Se amais os vossos filhos, fareis tudo isso. Esse, pois, é um dos aspectos da questão.

Vejamos agora o outro aspecto: o educador necessita de educação. Para que estais educando os vossos filhos? Para se tornarem escreventes ou funcionários cheios de importância, patrões, engenheiros, técnicos? A vida será só isso, um mero campo de cultivo de funcionários, técnicos e mecânicos supervalorizados, todos eles entes humanos convertidos em carne para canhão?

Qual é a finalidade e o intuito da educação? É o de produzir soldados, bacharéis e policiais? Ora, as carreiras de soldado, bacharel e policial não são profissões próprias de entes humanos decentes. É bem evidente que essas profissões não contribuem para o bem-estar total do homem, embora sejam necessárias numa sociedade que já se tornou corrupta.

Cumpre-vos, por conseguinte, primeiro descobrir por que razão tendes filhos, e para que os estais educando. Se os estais educando meramente para

técnicos, procurareis naturalmente o melhor técnico para educar o vosso filho, que será convertido numa máquina, que se disciplinará, a fim de amoldar-se a um padrão. Será só isso que constitui a nossa existência, nossa luta, nossa felicidade: o tornar-nos apenas mecânicos, técnicos de tanques e de aviões, cientistas, físicos, inventores de novos meios de destruição?

A educação, pois, constitui uma responsabilidade que vos cabe, não é verdade? Que desejais que os vossos filhos sejam, ou que não sejam? Qual é a finalidade da existência? Se ela consiste apenas em ajustar-nos a um sistema, se consiste em nos apagarmos no serviço de um partido, então a coisa é muito simples: basta que nos amoldemos e nos adaptemos.

Mas se a vida é para ser vivida retamente, plenamente, com alegria, com sensibilidade, torna-se então necessário um processo de educação completamente diferente, em que se cuide do cultivo da sensibilidade, da inteligência, e não da mera técnica — conquanto a técnica também seja necessária. Como pais — e só Deus sabe por que sois pais — cumpre-vos averiguar qual é o vosso dever. Amais com tanta facilidade — isto é, dizeis que amais os vossos filhos, mas na realidade não os amais. Não tendes sensibilidade. Aceitais os fatos e as condições sociais como inevitáveis; não tendes vontade de transformá-los, de promover uma revolução, e fazer nascer uma nova civilização, uma nova sociedade.

Não há dúvida de que depende de vós a espécie de educação que vossos filhos terão. A educação falhou, no mundo inteiro, e tem produzido catástrofe sobre catástrofe, destruição e mais destruição, sangue, rapina e morte. Não há dúvida de que a educação falhou; e se confiais aos técnicos, aos especialistas a educação dos vossos filhos, o desastre há de continuar, porque os especialistas, interessados que estão apenas na parte e não no todo, são entes inumanos.

O principal, portanto, é ter amor; porque quando temos amor, ele inspira a maneira de educar adequadamente os filhos. Mas, como sabeis, nós

somos só cérebro, destituídos de coração; cultivamos o intelecto, e, em nós mesmos, somos tão absurdamente desequilibrados — e surge depois o problema relativo ao que devemos fazer com os nossos filhos. É bem evidente, sem dúvida, que o próprio educador necessita de educação — e o educador sois vós; porque o ambiente doméstico é tão importante como o ambiente escolar.

Tendes, pois, em primeiro lugar, de vos transformar a vós mesmos, a fim de proporcionardes ao vosso filho o ambiente adequado; porque o ambiente fará dele ou um bruto, um técnico insensível, ou um homem inteligente e cheio de sensibilidade. O ambiente sois vós mesmo e a vossa ação; se não vos transformardes a vós mesmo, o ambiente, a atual sociedade em que viveis há de inevitavelmente prejudicar o vosso filho, tornando-o rude, brutal, sem inteliência.

Certamente, os que sentem profundo interesse por este problema começarão transformando-se a si mesmos e, conseqüentemente, a sociedade, a qual, por sua vez, produzirá um novo método de educação. Mas, na realidade, não tendes interesse algum. Ouvireis tudo isso e direis "muito bem, de acordo; mas isso é inexeqüível".

Não atendeis à questão como uma responsabilidade direta, vossa; real e fundamentalmente, não tendes interesse algum. Se de fato amásseis o vosso filho, se pressentísseis a guerra que se aproxima, será que nada faríeis, que não procuraríeis um meio de deter a guerra? Como vedes, não amamos; empregamos a palavra "amor", mas é uma palavra sem conteúdo nem sentido. Usamos a palavra, sem lhe darmos um "referente", sem lhe atribuirmos substância, vivemos meramente da palavra; por isso, continua a existir o complexo problema, temos de fazer-lhe frente.

E não digais que não vos mostrei a maneira de resolvê-lo. A maneira está em vós mesmo e em vossas relações com vossos filhos, vossa esposa, vossa sociedade. Em vós está a luz e a esperança;

outro caminho não existe, absolutamente.

Vede o que está acontecendo. Mais e mais governos estão tomando a educação a seu cargo, o que significa que querem produzir seres eficientes, seja como técnicos, seja para a guerra; e por conseguinte os vossos filhos têm de ser submetidos à disciplina, vai-se-lhes ensinar, não a pensar, mas o *que* pensar. Vão ensiná-los a viver de propaganda, de *slogans* e frases.

Os que têm o poder nas mãos, não querem ser perturbados, querem conservar esse poder, e por isso tornou-se função do governo manter o *status quo*, com ligeiras alterações aqui e ali. Assim sendo, levando-se em consideração todos esses fatores, cabe-nos averiguar qual é o significado da existência, por que viveis, por que gerais filhos; e cabe-vos descobrir a maneira de criar um novo ambiente — porque, como o ambiente é, assim será vosso filho. Ele escuta vossas conversas, e repete o que os mais velhos pensam e fazem. Deveis, pois, criar um ambiente adequado, não apenas no lar, mas também fora dele, isto é, na sociedade; deveis criar um governo de nova espécie, radicalmente diferente, não baseado no nacionalismo, no estado soberano, com seus exércitos e seus eficientes métodos de assassínio.

Isso requer que compreendais a vossa responsabilidade nas relações; e essa responsabilidade nas relações só pode ser compreendida quando amais alguém. Quando está cheio o coração, encontra-se o caminho. Isso é muito urgente, a situação é ameaçadora: não podeis esperar que os especialistas venham dizer-vos como educar o vosso filho. Só os que amam encontrarão o caminho; porque são os vazios de coração que confiam nos especialistas.

Acabastes de ouvir tudo isso, e qual é a vossa reação? Direis "sim, muito bom, ótimo, é o que se deve fazer; mas é preciso que alguém comece" — significando isso que, em verdade, não amais o vosso

filho; não estais em relação com o vosso filho, e por isso não percebeis o vosso problema. Quanto mais irresponsáveis vos tornardes, tanto mais o Estado tomará a si a responsabilidade — sendo que o Estado são uns poucos, o partido, da esquerda ou da direita.

Vós é que tendes de resolver o problema, visto que estamos em presença de uma grande crise, — não uma crise verbal, uma crise política ou econômica, mas uma crise de desintegração humana, de degradação humana. Por conseguinte, a responsabilidade é vossa; como pai, como mãe, tendes o dever de vos transformardes. Não estou falando pelo gosto de falar. Vemos a calamidade tão próxima e iminente, e estamos aqui sentados, nada fazemos para evitá-la; ou, se nos movemos, é para procurar um guia qualquer e confiar-lhe os nossos corações.

É um fato bem óbvio que, quando queremos um guia, nós o escolhemos em virtude de nossa própria confusão, e o guia, por conseguinte, é também confuso. Não riais disso, como se fosse um dito espirituoso; considerai-o bem, vede o que estais fazendo. Sois vós os responsáveis pela aterradora situação a que chegamos, e não quereis olhá-la de frente.

Saís daqui e ides fazer a mesma coisa que estáveis fazendo ontem; e pensais que vossa responsabilidade está terminada ao fazerdes esta pergunta sobre a educação e entregardes o vosso filho a um preceptor, para instruí-lo e espancá-lo. Não estais enxergando? Se não amais a vossa esposa e os vossos filhos, se não vos servis deles apenas como instrumentos ou como fontes de satisfação pessoal, se isso não vos toca verdadeiramente o coração, nunca encontrareis um método de educação adequado.

Educar os vossos filhos significa estar interessado no processo total da vida. O que pensais, o que fazeis, o que dizeis, tem importância infinita, porque é isso que cria o ambiente, e o ambiente cria o vosso filho.

O matrimônio é uma parte necessária de qualquer sociedade organizada, e, no entanto, pareceis contrário à instituição do matrimônio. Que dizeis? Explicai também o problema do sexo. Por que se tornou ele, afora a guerra, o mais urgente problema dos nossos dias?

Fazer uma pergunta é fácil; difícil é estudar muito atentamente o próprio problema, que contém a solução. Para compreendermos este problema, precisamos perceber a sua vasta significação. Isso é difícil, porque nosso tempo é muito limitado, e tenho de ser breve; assim, se me não seguirdes bem de perto, podeis ficar impossibilitados de compreender. Investiguemos, pois, o problema, e não a solução, porque a solução está no problema, e não fora dele. Quanto mais compreendo o problema, tanto mais claramente vejo a solução. Se buscais, meramente, uma solução, não a encontrareis, porque buscais a solução fora do problema.

Consideremos o casamento, não teoricamente ou como um ideal, que é coisa um tanto absurda; não idealizemos o matrimônio, porém, antes, o consideremos tal como é, porque só assim poderemos fazer alguma coisa. Não o façais cor-de-rosa, porque, nesse caso, é impossível agir; mas, se o considerardes e o virdes exatamente como é, então, talvez, estareis habilitado para agir.

Pois bem, que é que acontece realmente? Quando uma pessoa é jovem, o impulso biológico, o impulso sexual é muito poderoso, e para impor-lhe um limite, temos a instituição que se chama o matrimônio. O impulso sexual existe em ambas as partes; por isso vos casais e tendes filhos.

Ligai-vos a um homem ou a uma mulher para o resto da vida, e fazendo-o, contais com uma fonte permanente de prazer, uma segurança garantida, e o resultado é que começais a vos desintegrar; ficais vivendo num ciclo de hábito, e o hábito é desintegração. O compreender o impulso biológico, o impulso

sexual, requer grande dose de inteligência, mas nós não somos educados para ser inteligentes. Habituamo-nos a viver com o homem ou a mulher com quem temos de morar.

Caso-me aos vinte ou vinte e cinco anos, para passar o resto da vida ao lado de uma mulher a quem até então não conhecia. Desconheço inteiramente essa pessoa, e entretanto exigis que eu viva com ela o resto da minha vida. É isso que chamamos casamento?

Tornando-me mais maduro e observando-a melhor, verifico que ela é inteiramente diferente de mim, que seus interesses são diferentes dos meus; ela se interessa por clubes e eu tenho interesse em coisas sérias, ou *vice versa*. E, todavia — coisa extraordinária! — temos filhos. Senhores, não olheis para as senhoras sorrindo; é vosso problema. Estabeleci, pois, um estado de relação cujo significado ignoro, pois nunca o descobri nem compreendi.

É só para os poucos, os pouquíssimos que amam, que as relações matrimoniais têm significação; então, elas são inquebráveis, não representam mero hábito ou conveniência, nem estão baseadas na necessidade biológica, na necessidade sexual.

Nesse amor, que é incondicional, as identidades se fundem, e em tais relações há remédio, há esperança. Mas para a maioria de vós não há fusão nas relações matrimoniais. Para que haja a fusão de duas entidades separadas, tendes de vos conhecer a vós mesmo, e ela tem de se conhecer a si mesma. Isso significa amar. Mas não existe amor — esse é um fato evidente. O amor é sempre viçoso, sempre novo, não é mera satisfação, mero hábito. Ele é incondicional.

Não tratais vosso marido ou vossa esposa por essa maneira, não é verdade? Vós viveis no vosso isolamento, e ela vive no seu isolamento, e estabelecestes, os dois, os vossos hábitos de prazer sexual garantido. Que acontece a um homem que tem uma renda certa? Degenera, por certo? Já o não notastes? Observai um homem que tem sua renda certa, e logo descobrireis como a sua mente se está estiolando rapidamente. Ainda que ocupe um posto importante,

que tenha uma reputação de homem muito arguto, nele se extinguiu a alegria exuberante da vida.

De modo idêntico, tendes um casamento em que possuís uma fonte permanente de prazer, um hábito, um casamento em que não há compreensão, em que não há amor, e sois obrigado a viver nesse estado. Não vou dizer-vos o que deveis fazer; mas examinai primeiramente o problema. Pensais que isso está direito? Não estou dizendo que devais expulsar de casa a vossa mulher, e perseguir outra.

Que significação têm essas relações? Por certo, amar é estar em comunhão com alguém; mas estais em comunhão com vossa esposa, salvo fisicamente? Vós a conheceis, exceto fisicamente? Ela vos conhece? Não estais isolados, os dois, cada um ocupado com os seus próprios interesses, suas próprias ambições e necessidades, cada um buscando no outro a satisfação, a segurança econômica ou psicológica?

Tais relações não são relações de espécie alguma; são um processo egocêntrico, de parte a parte, baseado na necessidade psicológica, biológica e econômica; e a conseqüência óbvia é o conflito, o sofrimento, as implicâncias, o corrosivo temor possessório, o ciúme, etc. Pensais que essas relações podem produzir alguma coisa a não ser filhos feios e uma civilização feia?

Importante é que vejamos todo o processo, não como uma coisa feia, mas como um fato real, que se passa bem diante de nossos olhos. Percebendo esse fato, que devemos fazer? Não podeis, simplesmente, deixá-lo como está; mas como o não quereis examinar, dais para beber, vos entregais à política ou à primeira mulher que encontrais, a qualquer coisa, enfim, que vos leve para longe de casa e daquela mulher ou marido impertinente — e pensais que o problema fica resolvido. Tal é a vossa vida, não é verdade?

Conseqüentemente, é necessário que façais alguma coisa, isto é, tendes de fazer frente à situação e, se necessário, dissolver o lar; porque, quando um pai e uma mãe só vivem brigando,

pensais que isso nenhum efeito tem nos filhos? E já estivemos apreciando a questão da educação dos filhos.

Assim, o matrimônio, como um hábito, como cultivo do prazer habitual, é um fator de deterioração, porque no hábito não há amor. O amor não é coisa de hábito; o amor é algo glorioso, criador, novo. Por conseqüência, o hábito é o contrário do amor; mas, sois presa do hábito, e, naturalmente, as vossas mútuas relações, fundadas no hábito, são relações mortas. Vemo-nos assim de volta ao ponto fundamental, que é o de que a reforma da sociedade depende de vós e não da legislação.

A legislação só pode contribuir para a formação de outros hábitos, ou para o conformismo. Conseqüentemente, vós, como indivíduo responsável, em relação com outros, tendes de fazer alguma coisa, tendes de agir, e só se pode agir quando há o despertar da mente e do coração. O fato óbvio é que não desejais assumir a responsabilidade da transformação, da reforma; não desejais enfrentar a convulsão que se verifica no descobrir a maneira de viver corretamente.

E, nessas condições, o problema subsiste, continuais a brigar e a viver juntos, até morrer, e quando um morre o outro chora, não pelo morto, mas por causa de sua própria solidão. Continuais a viver, sem modificação alguma, e pensais que sois entes humanos capazes de legislar, de ocupar altos postos, de falar a respeito de Deus, de encontrar a maneira de pôr cobro às guerras, etc. Nenhuma dessas coisas tem valor, porque não resolvestes nenhum dos problemas fundamentais.

Consideremos, agora, a outra parte do problema: o sexo, e por que ele se tornou tão importante. Por que adquiriu esse impulso tamanho poder sobre vós? Já pensastes nele a fundo? Ainda não o fizestes, porque vos tendes deixado levar por ele. Não indagastes ainda por que existe esse problema. Senhores, por que existe este problema? E que acontece quando reprimis completamente o impulso sexual? Vós bem conheceis o

ideal de *Brahmacharyya*, — que acontece? O impulso continua a existir.

Sentis ressentimento contra alguém que vos fala de uma mulher, e pensais que conseguireis refrear completamente o impulso sexual em vós, e, por essa maneira resolver o problema; mas ele continua a perseguir-vos. É como se, morando numa casa, guardásseis num determinado aposento todos os objetos de que não gostásseis: eles continuariam a existir.

Assim, a disciplina não resolverá este problema — sendo disciplina: sublimação, refreamento, substituição — porque já experimentastes e ela não vos deu nenhuma solução. Qual é então a solução? A solução é compreender o problema, e compreender significa não condenar e não justificar. Consideremos, pois, a questão dessa maneira.

Porque se tornou o sexo um problema tão importante na vossa vida? Entendeis o que quero dizer? Nesse ato há fusão completa; nesse momento há uma cessação completa de todo conflito, sois sumamente feliz, porque já não sentis a necessidade, como entidade separada, e não estais consumido de temores. Isto é, por um momento, extingue-se a consciência individual, a consciência do "eu, e sentis a claridade do auto-esquecimento, o júbilo da abnegação.

O sexo se torna importante porque, a todos os demais respeitos, viveis uma vida de conflito, de auto-engrandecimento e de frustração. Considerai a vossa vida — política, social, religiosa: estais sempre lutando por vos tornardes alguma coisa. Politicamente, desejais ser alguém, ser poderoso, ter posição, prestígio. Não olheis para outras pessoas, não penseis nos ministros. Se vos dessem tudo isso faríeis a mesma coisa.

Assim, politicamente, viveis lutando por vos tornardes alguém, estais-vos expandindo, não é verdade? Por conseguinte, continuais criando conflitos, pois não há negação do "eu". Pelo contrário, o que há é acentuação do "eu". O mesmo processo se verifica em vossas relações com as coisas, que é

a posse de haveres, e também na religião que seguis. Não tem significação o que fazeis, não têm significação os vossos exercícios religiosos. Credes, apenas — estais ligados a rótulos e palavras. Se observardes, vereis que, também a esse respeito, não estais libertado da consciência do "eu", como centro.

Embora vossa religião diga "Esquecei-vos de vós mesmos", vosso processo é exatamente de afirmação do "eu", pois sois sempre a entidade importante. Podeis ler o *Gîta* ou a Bíblia, mas continuais a ser o mesmo sacerdote, o mesmo explorador, sugando o povo e edificando templos.

Em todos os campos, em todas as atividades, estais satisfazendo e acentuando a vossa pessoa, vossa importância, vosso prestígio, vossa segurança. Por conseguinte, existe apenas uma fonte de auto-esquecimento, que é o sexo, e é por isso que o homem ou a mulher se torna da máxima importância, é por isso que tendes de possuí-lo ou possuí-la.

Edificais, por conseguinte, uma sociedade que consolida essa posse, que vos garante essa posse; e, naturalmente, o sexo se torna o problema supremo, quando em tudo o mais o "eu" é sempre a coisa mais importante. E pensais que se pode viver num tal estado, sem contradição, sem sofrimento, sem frustração? Mas quando, honesta e sinceramente, não existe asserção do "eu", seja na religião, seja na atividade social, então o sexo tem significação muito diminuta.

É porque temeis ser qual o nada, politicamente, socialmente, religiosamente, que o sexo se torna um problema; mas, se em todas essas coisas vós vos deixásseis diminuir, ser de importância menor, veríeis como o sexo deixaria de ser um problema.

Só há castidade quando há amor. Quando existe o amor, não existe mais o problema do sexo; se não temos amor, o seguir o ideal de *Brahmacharyya* é um absurdo, porque todo ideal é irreal. O real é aquilo que sois; e se não compreendeis a vossa própria mente, o funcionamento de vossa própria mente, não

compreendereis o sexo, porque o sexo é uma coisa da mente. O problema não é simples. Requer, não meros exercícios formadores de hábitos, mas enorme soma de pensamento e de investigação das vossas relações com as pessoas, com a propriedade e com idéias.

Isso significa que tereis de submeter vosso coração e vossa mente a uma intensa busca, da qual resultará uma transformação em vosso interior. O amor é casto; e quando existe o amor, e não a mera idéia da castidade, criada pela mente, então o sexo já não é um problema e tem significação inteiramente diversa.

● *A meu ver, o* guru *é um homem que me desperta para a verdade, para a realidade. Que mal há em que eu me afeiçoe a um* guru?

Quem é mais importante, o *guru* ou vós? E por que procurais um *guru?* Dizeis: "a fim de ser despertado para a verdade". Ides realmente a um *guru* a fim de serdes despertado para a verdade? Vamos pensar nisso a fundo e com toda a clareza.

Sem dúvida, quando ides à presença de um *guru*, estais em busca de satisfação. Isto é, tendes um problema, e a vossa vida está toda em desordem, em confusão, e, desejando fugir dessa confusão, dirigi-vos a alguém que chamais *guru*, em busca de consolação, no nível verbal ou no intuito de fugir a uma ideação. Esse é o processo real, e a esse processo chamais buscar a verdade. Isto é, quereis conforto, quereis satisfação, quereis ver dissipada por outro a vossa confusão; e à pessoa que vos ajuda a achar meios de fuga, chamais *guru*.

De fato, e não teoricamente, procurais um *guru* que vos garanta aquilo que desejais. Saís à procura de *guru* como saís a olhar vitrines: vedes o que melhor vos convém, e o comprais. Na Índia a situação é esta: saís à caça de *gurus*, e quando achais um, ficais agarrado aos seus pés, ao seu pescoço, ou à sua mão, até que ele vos dê satisfação. Tocar os pés de um homem... essa é uma das coisas mais

extraordinárias. Tocais os pés do *guru* e dais pontapés nos vossos criados, e, assim fazendo, destruís entes humanos, perdeis o sentido humano.

Como vemos, ides a um *guru* em busca de satisfação e não da verdade. A idéia que tendes é que ele vos despertará para a verdade, mas o fato real é que buscais conforto. Por quê? Porque dizeis: "Não posso resolver o meu problema e alguém tem de ajudar-me." Pode alguém ajudar-vos a dissolver a confusão que criastes? Que é confusão? Confusão com referência a que, sofrimento com referência a quê?

A confusão e o sofrimento existem em vossas relações com coisas, pessoas e idéias; e se não podeis compreender essa confusão que criastes, como pode outra pessoa ajudar-vos?

Pode ela dizer-vos o que fazer, mas vós tendes de fazê-lo sozinho, a responsabilidade é toda vossa; e porque não estais disposto a assumir essa responsabilidade saís furtivamente em busca do *guru* — esta é a expressão adequada, "furtivamente" — e pensais ter resolvido o problema.

Pelo contrário, não o resolvestes absolutamente; fugistes, mas o problema continua a existir. E, coisa estranha!, sempre escolheis um *guru* que vos garanta aquilo que desejais; por conseguinte, não estais buscando a verdade, e, portanto, o *guru* não tem valor. Estais, com efeito, à procura de alguém que satisfaça os vossos desejos; eis a razão por que criais um guia, religioso ou político, e vos entregais a ele; eis também por que aceitais a sua autoridade.

A autoridade, política ou religiosa, é maléfica. Porque é o guia e a sua posição que têm a máxima importância, e vós não tendes importância alguma. Sois um ente humano, com aflições, dores, sofrimentos, alegrias, e quando vos abandonais a alguém, estais negando a realidade; porque é só através de vós mesmo que podeis achar a realidade, e não através de outra pessoa.

Agora, vós dizeis que aceitais o *guru* como um homem que vos desperta para a realidade.

Vejamos se é possível outra pessoa despertar-vos para a realidade. Descubramos a verdade, sobre se uma outra pessoa pode ou não despertar-vos para a realidade.

Posso eu, despertar-vos para a realidade, para aquilo que é real? O termo *guru* sugere, não é verdade? — um homem que vos leva à verdade, à felicidade, à eterna beatitude. A verdade é uma coisa estática à qual uma pessoa vos possa conduzir?

Uma pessoa pode mostrar-vos o caminho da estação. A verdade é assim, estática, uma coisa permanente à qual podemos ser conduzidos? Só é estática a verdade que criais, com o vosso desejo de conforto. Mas a verdade não é estática, não há quem possa conduzir-vos à verdade. Cuidado com a pessoa que diz que pode guiar-vos aonde está a verdade, porque isso não é verdadeiro. A verdade é uma coisa desconhecida, que vem momento por momento, que não pode ser apreendida pela mente, que não é susceptível de formular-se, que não tem pouso algum.

Por conseqüência, ninguém pode conduzir-vos à verdade. O que estou fazendo é só isto: estou-vos mostrando o que *é*, e a maneira de compreender o que *é*, tal como realmente é e não como gostaríeis que fosse. Não estou falando de nenhum ideal, mas de uma coisa que está bem à frente de vossos olhos, e que, se quiserdes, podereis ver.

Por conseguinte, vós sois mais importante do que eu, mais importante do que qualquer instrutor, qualquer salvador, qualquer *slogan*, qualquer crença; porque só podeis achar a verdade através de vós mesmo e não através de outra pessoa. Quando repetis a verdade de outrem, proferis uma mentira. A verdade não pode ser repetida. O mais que podeis fazer é ver o problema, tal como é, em vez de evitá-lo. Quando percebeis a coisa tal como é realmente, começais então a despertar, mas não quando sois forçado por outra pessoa.

Não há salvador algum, a não ser vós mesmo. Quando tendes a intenção de olhar atenta e diretamente para o que *é*, a vossa própria atenção vos desperta, porque na atenção

tudo está contido. Para prestardes atenção deveis dedicar-vos ao que *é*, e para compreenderdes o que *é*, precisais conhecê-lo. Por conseguinte, cumpre-vos olhar, observar, dedicar toda a vossa atenção, porque nessa atenção plena que dais ao que *é*, todas as coisas estão contidas.

O *guru*, pois, não pode despertar-vos. O que ele pode fazer é só apontar-vos o que *é*. A verdade não é uma coisa que possa ser captada pela mente. O *guru* pode dar-vos palavras, pode dar-vos uma explicação, transmitir-vos os símbolos da mente; mas o símbolo, não é o real, e se ficardes preso ao símbolo, nunca achareis o caminho.

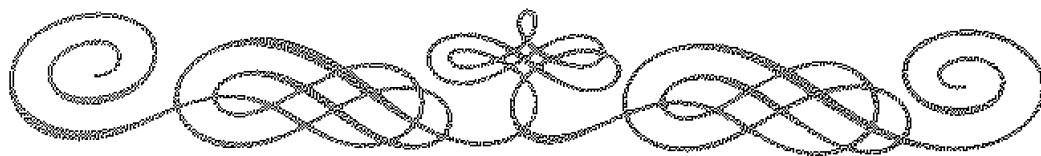
Por conseguinte, o que tem importância não é o instrutor, não é o símbolo, não é a explicação, mas sois vós, que estais em busca da verdade. Procurar pela maneira correta significa dar atenção, não a Deus, não à verdade, visto que os não conheceis, mas, sim, ao problema das vossas relações com vossa esposa, vossos filhos, vosso semelhante.

Quando estabeleceis as relações adequadas, então, amais a verdade; porque a verdade não é uma coisa que se possa comprar, a verdade não surge pela auto-imolação ou pela repetição de *mantrams*. Só surge a verdade quando existe o autoconhecimento. O autoconhecimento traz a compreensão e quando há compreensão não existem mais problemas. Quando não existem mais problemas, então está a mente quieta, não está mais enredada em suas próprias criações. Quando a mente não está criando problemas, quando compreende com presteza cada problema que surge, então está de todo tranqüila, sem a termos forçado a ficar tranqüila.

Esse processo, no seu todo, constitui o percebimento, e traz um estado de tranqüilidade livre de perturbação, tranqüilidade que não é produto de nenhuma disciplina, de nenhum exercício ou controle, mas, sim, o resultado natural da compreensão imediata de cada problema que surge. Os problemas só surgem no estado de relação; e quando há compreensão das nossas relações com coisas, com

pessoas e com idéias, não há perturbação de espécie alguma, na mente, e o processo do pensamento está em silêncio.

Nesse estado não existe nem pensante nem pensamento, nem observador nem objeto observado. O pensante, pois, desaparece, e a mente já não está ligada ao tempo; e quando não há o tempo, vem o atemporal. Mas o atemporal não pode ser pensado. A mente que é produto do tempo não pode pensar no que é atemporal. O pensamento não pode conceber nem formular o que está além dos seus limites. Quando o faz, a sua formulação faz parte ainda do pensamento.

A eternidade, por conseguinte, não é coisa da mente; só conhecemos a eternidade quando temos amor, porque o amor, em si, é eterno. O amor não é uma coisa abstrata, susceptível de pensar-se; o amor só pode ser encontrado nas relações com vossa esposa, vossos filhos, e vossos semelhantes. Quando conhecerdes esse amor, que é incondicional, que não é produto da mente, virá então a realidade, e esse estado é a suprema bem-aventurança.

A Guerra Ideológica

O mundo está cheio de confusão e de sofrimento, e todas as nações, inclusive a Índia, buscam uma solução para esse conflito, esse sofrimento sempre crescente. Embora a Índia tenha conquistado a chamada liberdade, acha-se presa no torvelinho da exploração, como todos os outros povos; prevalecem os antagonismos comunais e de casta, e, conquanto não esteja ela tão adiantada como o Ocidente, no terreno da técnica, todavia se defronta, como o resto do mundo, com problemas que nenhum político, nenhum economista, nenhum reformador é capaz de resolver.

Parece tão profundamente abalada pelos inesperados problemas com que se defronta, que está disposta a sacrificar, para fins imediatos, os valores essenciais e a compreensão da luta do homem acumulada durante séculos. A Índia se está entregando, de todo o coração, à pompa esplendorosa e sedutora de um Estado moderno. Isso, por certo, não é liberdade.

O problema da Índia é o problema do mundo, e ficar esperando que o mundo lhe ofereça a solução do seu problema, é fugir à compreensão do problema mesmo. Embora a Índia tenha sido, em tempos idos, uma grandiosa fonte de ação, nada adianta ficarmos a contemplar esse passado, a respirar o ar de coisas mortas, porque isso não nos faz compreendermos o presente, de maneira criadora.

Enquanto não compreendermos este presente doloroso, não encontraremos a solução de nenhum problema humano, e o fugir, meramente, para o passado ou para o futuro, é de todo vão. A crise atual, que é sem dúvida uma crise sem precedentes, requer maneira inteiramente nova de considerarmos o problema da nossa existência. No mundo inteiro, o homem está frustrado e na aflição, porque são erradas todas as vias por onde tem buscado o preenchimento.

Até agora, temos deixado aos especialistas o diagnóstico e o remédio para o problema, e toda a especialização nega a "ação integrada". Dividimos a vida em compartimentos e cada compartimento tem seu especialista próprio; e a esses especialistas temos confiado as nossas vidas para serem moldadas em conformidade com o padrão por eles escolhido.

Perdemos, por conseguinte, todo o sentimento de responsabilidade individual, e essa irresponsabilidade nega a confiança em si mesmo. A falta de confiança em si é o produto do temor, e procuramos encobrir esse temor por meio da chamada ação coletiva, pela busca de resultados imediatos, ou pelo sacrifício do presente a uma Utopia futura. A confiança vem com a ação plenamente pensada e sentida.

Porque nos deixamos tornar irresponsáveis, criamos confusão, e por causa da nossa confusão escolhemos guias que também estão confusos. Isso nos tem levado ao desespero, a uma frustração profunda e dolorosa; esvaziou os nossos corações, que se tornaram incapazes de reagir com entusiasmo e presteza; por esse motivo nunca encontramos uma maneira nova de considerar os nossos problemas.

A única coisa de que parecemos capazes, é de seguir um guia qualquer, antigo ou moderno, que nos prometa conduzir a um novo mundo de esperanças. Em vez de compreendermos a nossa irresponsabilidade, voltamo-nos para uma ideologia ou atividade social facilmente reconhecível. Requer-se inteligência, para se perceber com clareza que o problema da

existência está nas relações, as quais cumpre-nos estudar diretamente e de maneira simples.

Uma vez que não compreendemos o estado de relação, seja com um, seja com muitos, recorremos ao especialista, para que nos dê a solução dos nossos problemas; mas é vão apelar para os especialistas, porque eles só são capazes de pensar dentro do padrão de seu próprio condicionamento. Para a solução da presente crise, vós e eu temos de apelar para nós mesmos — não como Orientais ou como Ocidentais, com uma cultura especial, mas como entes humanos.

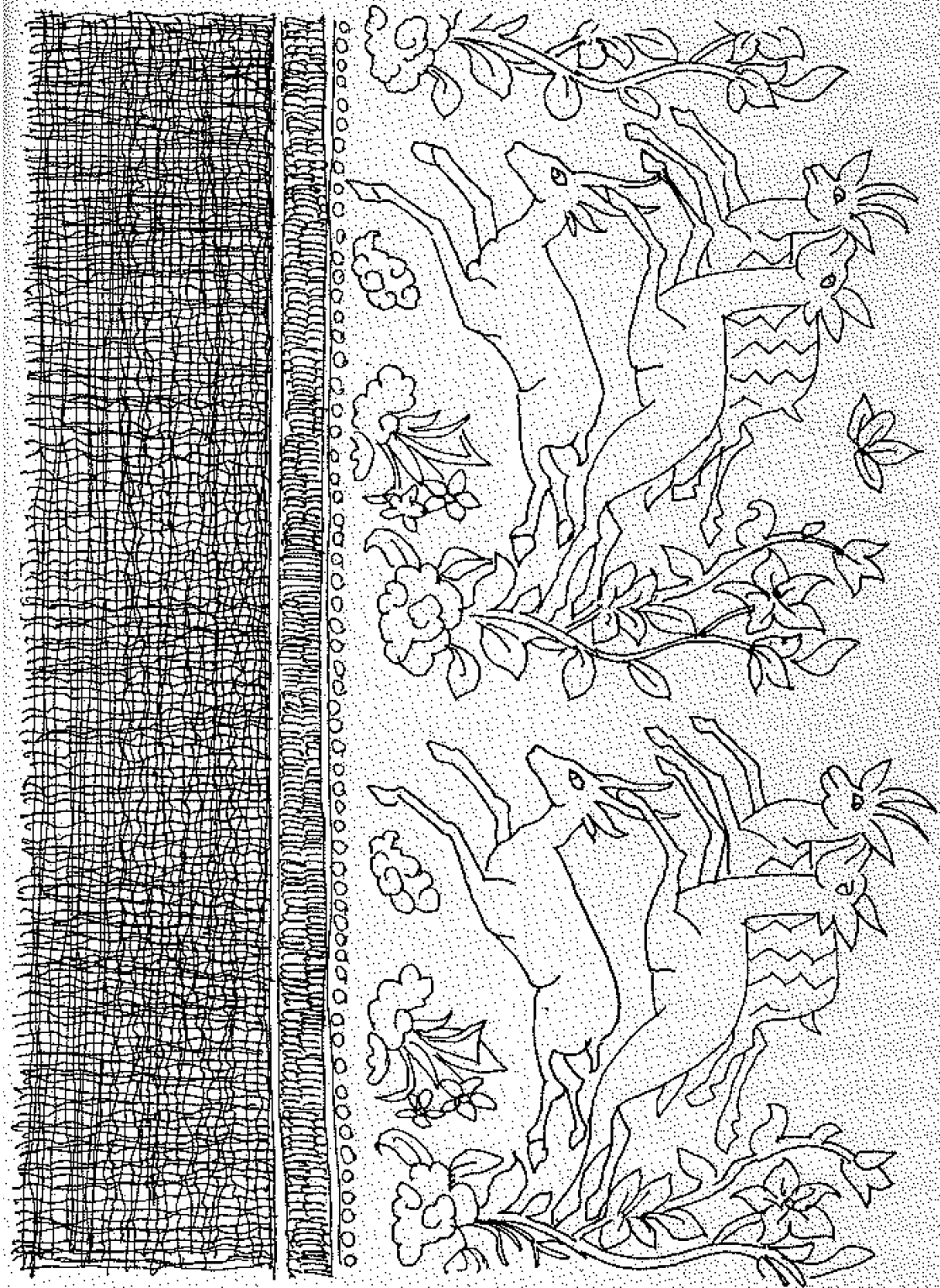
Ora, estamos sendo desafiados pela guerra, pela raça, pela classe, e pela técnica; e se essa nossa reação ao desafio não for criadoramente adequada, teremos de fazer frente a desastres e sofrimentos maiores ainda.

Nossa dificuldade real é que de tal maneira estamos condicionados pelos nossos pontos de vista orientais e ocidentais, ou por alguma ideologia sutil, que se nos tornou quase impossível pensarmos no problema por maneira nova. Sois inglês, ou hindu, ou russo, ou americano, e procurais corresponder a esse desafio em conformidade com o padrão segundo o qual fostes criado.

Mas estes problemas *não podem* ser adequadamente resolvidos, enquanto não estiverdes livres do vosso *"fundo"* nacional, social e político, ou de vossa ideologia. Não podem eles, de modo algum, ser resolvidos em conformidade com qualquer sistema, seja da esquerda, seja da direita. Os múltiplos problemas humanos só poderão ser resolvidos quando vós e eu compreendermos as nossas mútuas relações e as nossas relações com a coletividade, que é a sociedade.

Coisa nenhuma pode viver no isolamento. Ser é estar em relação; e porque nos recusamos a enxergar essa verdade, as nossas relações estão impregnadas de conflito e sofrimento. Evitamos o desafio, fugindo para a abstração que chamamos "as massas".

Essa fuga não tem significação

Não há dúvida de que a educação falhou; e se confiais aos técnicos, aos especialistas a educação dos vossos filhos, o desastre há de continuar, porque os especialistas, interessados que estão apenas na parte e não no todo, são entes inumanos.

verdadeira, uma vez que "as massas" sois vós e sou eu. É uma ilusão pensar em termos de "massas", porque a massa sois vós em relação com outras pessoas; e se não compreendeis essas relações, vos converteis numa entidade amorfa, explorada pelo político, pelo sacerdote, e pelo especialista.

A guerra ideológica, que se trava na atualidade, tem suas raízes na confusão existente em vossas relações. A guerra, evidentemente, é a expressão espetacular e sangrenta de vossa vida diária. Criais uma sociedade que vos representa, e vossos governos são o reflexo de vossa própria confusão e falta de integridade. Não percebendo isso, procurais resolver o problema da guerra no nível econômico ou no nível ideológico.

A guerra existirá sempre, enquanto houver Estados nacionalistas, com governos e fronteiras soberanas. A reunião em torno de uma mesa dos representantes das diversas nacionalidades, de modo algum porá cobro à guerra; porque, como é possível haver boa-vontade, enquanto estiverdes apegados a dogmas organizados, que chamais religião, enquanto fordes nacionalista, com determinadas ideologias amparadas por governos soberanos armados até os dentes?

Enquanto não perceberdes estas coisas como um obstáculo à paz, e não compreenderdes sua falsidade intencionalmente cultivada, não haverá um Estado isento de conflito, de confusão, de antagonismo; pelo contrário, tudo que disserdes ou fizerdes, há de contribuir diretamente para a guerra.

As divisões de classe e de raça que estão destruindo o homem são produto do desejo de estar em segurança. Ora, qualquer espécie de segurança, afora a segurança física, é na realidade insegurança; e enquanto estivermos em busca da segurança psicológica, que cria uma sociedade aquisitiva, as necessidades do homem nunca serão organizadas de maneira sadia e eficaz.

A eficaz organização das necessidades humanas é a função própria da técnica; mas quando utilizada para nossa segurança psicológica, torna-

se a técnica uma maldição. A técnica tem por fim servir o homem; mas quando os meios perdem a sua verdadeira significação e são mal empregados, então dominam o homem: a máquina se torna o seu amo.

Na civilização atual perdeu-se a felicidade humana, porque a técnica está sendo empregada como meio de glorificação psicológica da força. A força é a nova religião, com suas ideologias nacionais e políticas; e esta nova religião, a adoração do Estado, tem os seus dogmas novos, seus sacerdotes e sua inquisição.

Neste processo nega-se completamente a liberdade e a felicidade do homem, porque os meios se tornaram uma maneira de retardar os fins. Mas os meios *são* o fim, as duas coisas não podem existir separadamente; e porque os separamos, criamos, como era inevitável, uma contradição entre os meios e o fim.

Enquanto nos servirmos dos conhecimentos técnicos para promoção e glorificação do indivíduo ou do grupo, as necessidades do homem não serão organizadas. É o desejo de segurança psicológica por meio do progresso técnico, que está destruindo a segurança física do homem.

Há conhecimentos científicos suficientes para alimentar, vestir e dar casa ao homem; mas o uso apropriado desses conhecimentos é negado enquanto há nacionalidades separativas, com governos e fronteiras soberanos, que, por sua vez, suscitam as lutas de classe e de raça. Sois vós, pois, os responsáveis pela continuação deste conflito de homem com homem.

Enquanto vós, o indivíduo, fordes nacionalista e patriota, enquanto estiverdes apegado a ideologias políticas e sociais, sois responsável pela guerra, porque vossas relações com os outros só podem gerar confusão e antagonismo. Perceber o falso como falso é o começo da sabedoria, e só esta verdade é capaz de trazer a felicidade, para vós e para o mundo.

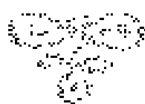
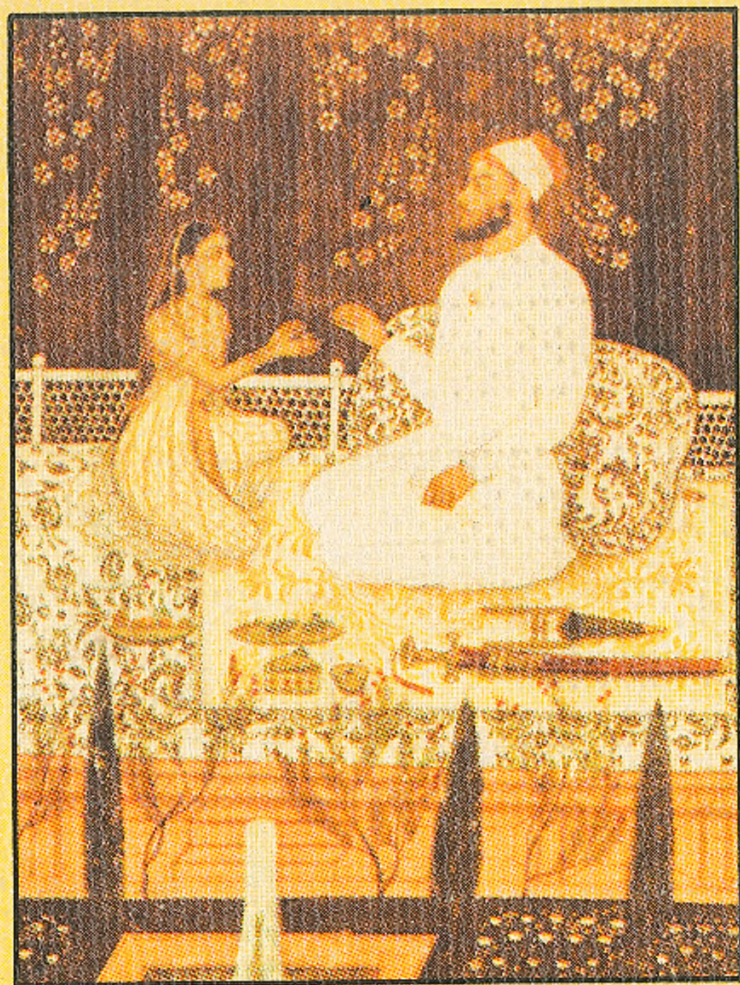
Visto que sois responsável pela guerra, tendes de ser responsável pela paz. Aqueles que, criadoramente, sentem essa responsabilidade, devem antes de tudo libertar-se,

psicologicamente, das causas da guerra, e não, apenas aderir precipitadamente a grupos políticos que se propõem a organizar a paz, pois estes só hão de gerar mais divisão e oposição.

A paz não é uma idéia oposta à guerra. A paz é uma maneira de vida; porque só haverá paz quando compreendermos o viver de cada dia. É só essa maneira de vida que pode eficazmente reagir ao desafio da guerra, da classe, e do contínuo progresso técnico. Essa maneira de vida não nasce do intelecto.

O culto do intelecto, em oposição à vida, conduziu-nos à nossa atual frustração, com suas inumeráveis vias de fuga. Essas vias de fuga se tornaram muito mais importantes do que a compreensão do próprio problema. A presente crise nasceu do culto do intelecto, e foi o intelecto que dividiu a vida numa série de ações opostas e contraditórias; foi o intelecto que negou o fator de unificação que é o amor.

O intelecto encheu o nosso coração, que estava vazio, com as coisas da mente; e só quando a mente está cônscia do seu próprio raciocinar é capaz de se transcender a si mesma, só então haverá o enriquecimento do coração. Só o incorruptível enriquecimento do coração pode trazer a paz a este mundo louco e cheio de lutas.

SABEDORIA E PENSAMENTO

Indicado em cursos de Filosofia, Teologia, Sociologia, Letras, Comunicação e História

Capa: Lee